

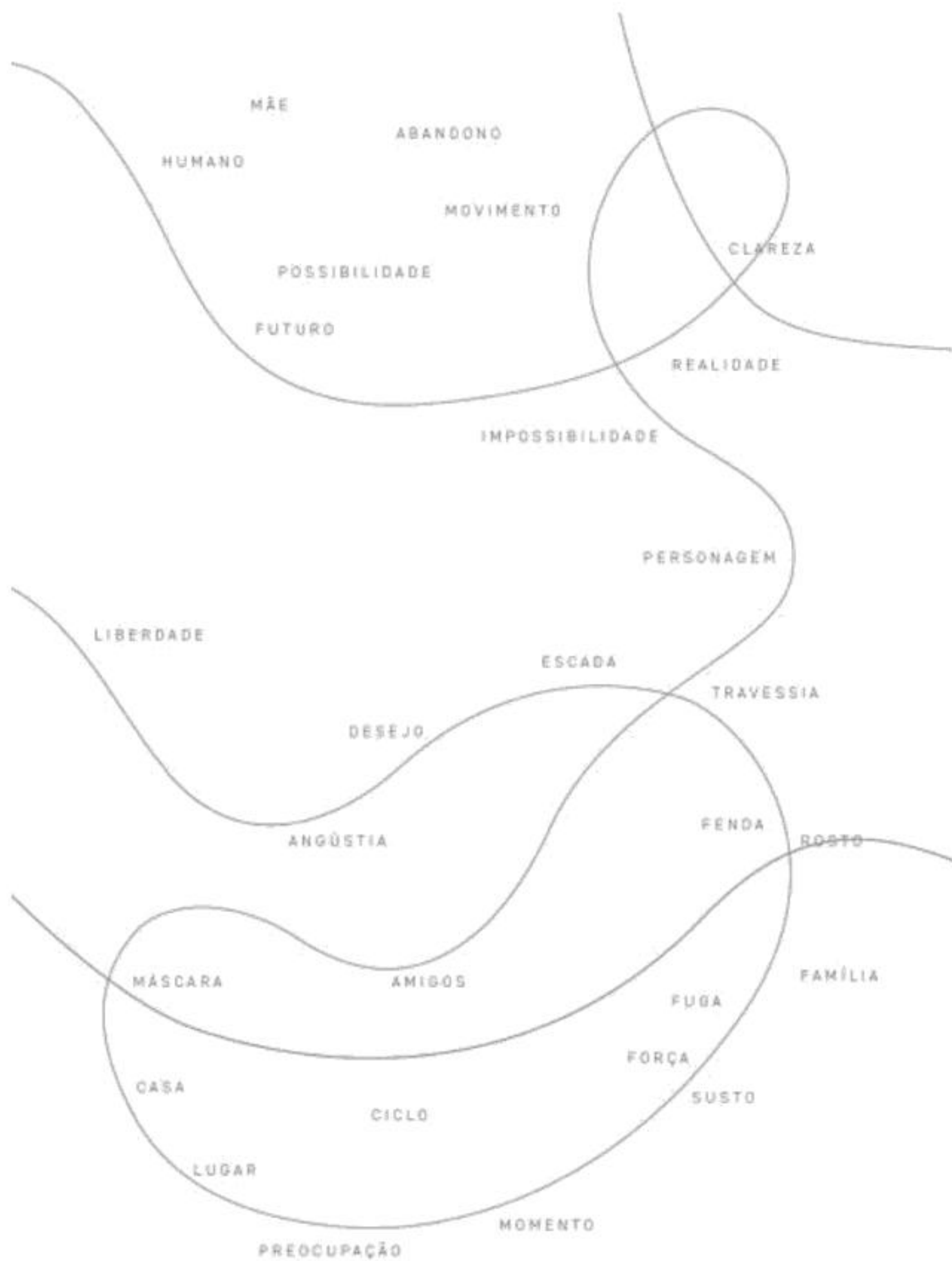


Christian Dunker
Cláudia Perrone
Gilson Iannini
Miriam Debieux Rosa
Rose Gurski
(ORGANIZADORES)

SONHOS CONFINADOS

*O que sonham os brasileiros
em tempos de pandemia*

autêntica



"Sonhei que estava numa **CASA** que não era minha, e estava **CHEIA** de gente. Entraram umas pessoas de **MÁSCARA**, acho que eram todos **HOMENS**, e eles usavam máscaras de pano. Essas mesmas que usamos na pandemia. Eles iam matar a gente. Eu saí correndo da casa e consegui ir pra rua. Estava de noite, a rua estava **VAZIA**. Eles vieram atrás de mim. Eu comecei a correr e precisava gritar '**SOCORRO**' para me salvar. Só assim eu iria me salvar. Eu abria a boca, fazia esforço e o grito **NÃO SAÍA**. Eu ia **MORRER**. Me esforcei muito para gritar, eu estava **CORRENDO**. Até que eu acordei (de verdade) gritando 'socorro', e muito **CANSADA**, como se estivesse correndo. Fiquei cansada todo o dia."

(RAQUEL, 50 ANOS, 26 DE MAIO DE 2020)

APRESENTAÇÃO

Christian Dunker, Cláudia Perrone, Gilson Iannini, Miriam Debieux Rosa, Rose Gurski

O que são cem anos, o que são mil anos, se um único instante os apaga?


Bossuet

Fomos dormir em um mundo, acordamos em outro. Ao cair da noite, sem que soubéssemos exatamente por quê, começamos a sonhar mais e mais intensamente. Ou estaríamos nos lembrando mais dos nossos sonhos? “Não era real, não era real!”, “Era real demais!”, “Acordei assustada, demorei a dormir...”, “Não costumo me lembrar de meus sonhos, estou estranhando minha própria maneira de sonhar”. De uma hora para a outra, estávamos compartilhando nossos sonhos. Mal acordávamos e precisávamos falar. “Difícil explicar...” Mas a sensação de estranhamento era terrivelmente real.

Assustados, atônitos, descrentes ou desconcertados, começamos a nos familiarizar com um novo cenário, povoado de máscaras e com as ruas vazias; com novas palavras, como “corona”, “quarentena” e “lockdown”, que rapidamente até as crianças começaram a declinar; e com novos objetos, como as máscaras e o álcool em gel, que passamos a manusear cotidiana e desajeitadamente; passamos a conviver com novas distâncias e novos ritmos. O vírus, que, nas imagens que vinham da China, parecia longe demais, de repente estava entre nós; e foi assim que todos aqueles que eram os mais próximos, nossos vizinhos, amigos e parentes, de uma hora para outra, estavam longe – ou perto – demais. O virtual invadiu, mais do que nunca, o espaço de nossas casas: aulas, reuniões, “lives”, tudo passou a ser remoto, como remotas eram nossas chances de prever a

duração da pandemia ou a chegada da vacina. Os sonhos, projetos e votos que havíamos feito na virada do ano pareciam se dissolver num horizonte sem horizonte. De uma hora para a outra, estávamos confinados. Foi nesse diapasão que começamos a sonhar mais, a lembrar mais dos nossos sonhos, a ter a sensação de sonhos mais vívidos, mais intensos. Como disse um dos sonhadores: “Não tenho certeza de nada, só que esses sonhos estão ficando mais ‘reais’”. As redes sociais, rapidamente, tornaram-se um espaço de compartilhamento dessas narrativas. O sonho entrou na nossa realidade, e a realidade, ou o que ainda restava dela, invadiu nossos sonhos. Em algum momento de março de 2020 começava, de fato, o século XXI.

De onde vinha essa necessidade quase irresistível de contar nossos sonhos a nossos amores, a nossos amigos e amigas, a nossos analistas ou terapeutas? Por que diabos começamos a compartilhar nossos sonhos mais íntimos nas redes sociais? “Nunca fui de sonhar com frequência,¹ mas nos últimos dias tenho sonhado quase todas as noites, e mais de um sonho por noite”, diz Lucíola, 36 anos, cabelereira no Distrito Federal. “Normalmente eu não sonho, mas, os poucos que tenho sonhado são com momentos anteriores à pandemia! Momentos em família, lembranças de entes falecidos há vários anos. Porém, na última semana, sonhei todos os dias com o momento em que fui à entrada da minha cidade ver o carro funerário com o corpo da minha tia passar. Eu e minha filha ficamos às margens da estrada e, quando o carro passou, levantei um cartaz e gritei para ela ir em paz e que nos amamos! Acordo com essa cena e o choro aflora em mim!”, relata Vanusa, 51, parda, professora, mãe de dois filhos, que havia acabado de perder a tia, vítima de covid-19, numa cidade vizinha à sua, no interior de Minas Gerais, em maio de 2020.



"**MEDO** do futuro, da ascensão do **FASCISMO**. Medo da **MORTE**, do **LUTO**. Medo de ficar **PRESA**... de perder liberdade. Não tenho certeza de nada, só que esses sonhos estão ficando mais '**REAIS**'."

(ALGUÉM, BRASIL, 2020)

As redes sociais captaram esse fenômeno ímpar: uma corrente ao mesmo tempo subterrânea e noturna, mas que corria à flor da pele, à luz do dia, uma onda gigantesca e sutil que não apenas nos fez sonhar mais, mas que, principalmente, nos fez compartilhar nossos sonhos. As redes captaram nossos sonhos. Em vários países, pipocaram perfis que perguntavam “com o que você sonhou hoje?”. Cientistas, curiosos, artistas, psicólogos das mais diversas orientações, psicanalistas, neurocientistas, antropólogos, muita gente ficou intrigada com esse fenômeno. No mundo todo começaram a surgir pesquisas, de escopos os mais diversos. Foi surpreendente perceber o renovado interesse de jornais, revistas, rádios e TVs na temática dos sonhos. A pergunta sobre o adensamento do trabalho psíquico noturno passou a circular de forma mais ampla nos espaços sociais. Se, apenas um ano antes, *O oráculo da noite: história e ciência do sonho*, de Sidarta Ribeiro, já era um fenômeno editorial, com a pandemia, o interesse pelo tema passou a ocupar o centro do debate.

Tínhamos, afinal, despertado de um estado de nosso sono profundo, de nossa letargia social, de um adormecimento político? Foi o sonho que nos despertou? A precariedade das vidas e a fragilidade das condições humanas e sociais parecia se desnudar de forma quase poética nas narrativas oníricas. A exigência suplementar de trabalho psíquico que a chegada da pandemia nos impôs, principalmente nos primeiros meses, torna esses sonhos particularmente interessantes. Como não dispúnhamos de formas simbólicas, nem de narrativas padrão, nem de um repertório de imagens compartilhadas capazes de apreender tudo que se passava, nosso psiquismo teve que trabalhar mais. Teve que processar, dia e noite, sem parar, esse novo real. Os sonhos desempenham, nesse contexto, um papel decisivo em nossa saúde psíquica. Como afirma Sidarta Ribeiro (2019, p. 372), “o sonho é um momento privilegiado para prospectar o inconsciente [...]. O sonho pode, portanto, ser considerado um teste de hipóteses em ambiente de simulação”. Os sonhos podem combinar elementos heterogêneos, com liberdade maior do que aquela disponível em nossa consciência de vigília, com muito mais segurança do que no mundo externo.

Não por acaso, depois de alguns meses, notou-se uma tendência à “estabilização” da atividade onírica. As redes sociais também testemunharam esse refluxo: menos gente contando ou conversando sobre os sonhos. Isso torna o fenômeno aqui investigado ainda mais interessante. Com o passar do tempo, muitas pessoas começaram a relatar uma maior continuidade entre os sonhos atuais e os sonhos anteriores à pandemia. Mais ou menos como fomos, aos poucos, nos acostumando às novas rotinas, os sonhos, de certa forma, refletem isso.

Na ressaca do carnaval de 2020, a pandemia que parecia tão distante, tão improvável, tão impalpável, de repente, invadia nossa intimidade. Incrédulos e desnorteados, fomos apresentados a uma realidade que parecia ficcional: uma distopia concreta e brutalmente real. Nada do que estava por vir poderia ter sido antecipado apenas algumas semanas antes. No réveillon, soltamos fogos, fizemos promessas que sabíamos que não iríamos cumprir, brindamos ou pulamos ondinhas. No carnaval, desfilamos, namoramos ou colocamos os trabalhos em dia. Mas, no dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde declarou oficialmente a pandemia de covid-19.

Como uma faca afiada, a chegada da pandemia dividiu o século. Trata-se de um acontecimento traumático, tanto para os sujeitos quanto para a coletividade. Talvez ela seja o marcador mais fidedigno da entrada no século XXI e no desconhecido que ele nos lança. O mundo ao qual estávamos acostumados, sua imaginada solidez, desfez-se como um castelo de areia, com um simples sopro. Um inimigo invisível, intangível, desconhecido e ameaçador invadiu nossas vidas. Não poucos sonhadores em suas narrativas nos mostram a estranheza de conviver com um inimigo sem cara. Nos sonhos podemos deduzir a angústia pela ausência de antigos referentes de vida. Será que seguiremos sendo os mesmos? O que nos aguarda como sociedade?

Esse recorte dos sonhos em momentos importantes da história não é algo exatamente novo. Desde Freud sabemos da importância que tem a escuta psicanalítica estar lá onde o desamparo dos sujeitos se encontra. Foi assim quando Freud deu voz e condições de fala à dimensão do sofrimento sociopolítico das histéricas, foi assim com a escuta dos

sujeitos emudecidos pelos horrores da primeira grande guerra e é neste diapasão que um grupo de psicanalistas e professores universitários, de diferentes regiões do país, decidiu não deixar que a intensa produção onírica deste tempo conturbado fosse apenas um amontoado de sonhos singularmente ruins e traumáticos. O sonho é a via régia para o inconsciente, como dizia Freud, assim como o é também para a própria fundação da psicanálise; e o trabalho que aqui apresentamos evoca a célebre passagem na qual Jacques Lacan lança um importante desafio: “Que antes renuncie a ela [a prática da psicanálise, g.i.], portanto, aquele que não puder alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (LACAN, 1966, p. 322).

Esse é o desafio, ou a primeira parte dele: “Pois, como poderia de seu ser fazer o eixo de tantas vidas aquele que nada souber da dialética que o engaja com essas vidas [...]. Que ele conheça bem a espiral a que sua época o conduz na obra contínua de Babel, e que saiba sua função de intérprete na discórdia das linguagens” (LACAN, 1966, p. 322). Como alcançar a subjetividade de nossa época? Poderia o psicanalista se furtar a seu compromisso com as vidas às quais está, de uma forma ou de outra, ligado? Como transpor essa confusão de línguas, tão mais aguda no mundo das bolhas digitais hiperpolarizadas? Como decantar dos sonhos os fragmentos de real, algo que possa ser construtivo coletivamente, em meio a tanto obscurantismo?

Se o sonho é a via régia para o inconsciente, o que os sonhos em tempos de pandemia podem evocar das questões de nosso tempo? Com a publicação de *A interpretação dos sonhos*, em 1900, de Freud, os processos oníricos passaram a receber um novo estatuto. Por trás de imagens absurdas, associações incongruentes, situações, personagens e lugares aparentemente sem sentido, ele descobriria o sentido dos sonhos, a lógica do desejo inconsciente. O absurdo é a superfície aparente do sonho; mas uma escuta atenta desvelaria a lógica inerente aos processos oníricos latentes. Com isso, Freud retirou o desejo das brumas do inefável, do incognoscível e o devolveu à trama das experiências contingentes da vida de um sujeito. É desse modo que Freud (1999, p. 126) formula a

hipótese de que o “sonho é a realização de um desejo”, para logo em seguida reformulá-la. Ao examinar pesadelos, sonhos de angústia e outros materiais que pareciam desmenti-la, conclui que “o sonho é a realização (disfarçada) de um desejo (reprimido, recalçado)” (p. 166). Foi a partir de então que o sonho apareceu como uma via privilegiada de acesso ao inconsciente. Tinha início o primeiro século da Psicanálise.

Grosso modo, sabe-se que, apesar de a consciência vigorar em nossa vida de vigília, ela é apenas uma camada, uma parte limitada de nossa experiência. Muito do que percebemos durante o dia não é processado ou elaborado pela consciência. O que não quer dizer que esses processos psíquicos não deixem rastros em memórias, digamos assim, não conscientes. Esse é um sentido lato de inconsciente, mas que tem um papel importante nos sonhos. Neles, esse material, que Freud chamava de “restos diurnos”, é processado, elaborado. O inconsciente, no sentido estritamente psicanalítico do termo, processa, encena, associa, em suma, trabalha. Conecta esses restos diurnos com nossos desejos recalçados e, portanto, com nossa história singular.

Vai de *per se* o truísmo de que o sonho só pode ser escutado e interpretado um a um, no contexto transferencial de um tratamento singular. E, mesmo nesses casos, vale lembrar que há ainda o que Freud chamava de “umbigo do sonho”, aquele ponto impenetrável, aquele núcleo real que torna a interpretação de um sonho uma tarefa infinita. Embora este seja um ponto inegociável da clínica psicanalítica, o psicanalista não poderia ser surdo ao que emerge na tênue fronteira que separa o individual e o coletivo.

De todo modo, no livro que o leitor tem em mãos, examinamos algumas facetas desse imenso arquivo onírico, cuja relevância salta aos olhos e aos ouvidos. Aliás, a própria tendência à “normalização” da atividade onírica (a certa altura, passamos a sonhar mais ou menos como antes), observada alguns meses depois do início da pandemia, confirma como o aspecto traumático desse acontecimento culminou com uma exigência suplementar de trabalho psíquico de que os sonhos confinados em tempos de pandemia são testemunha.

Mesmo cômicos da dimensão do “umbigo do sonho”; temos de nos perguntar sobre outra faceta. Qual é afinal o estatuto do inconsciente? Estaríamos diante de uma instância intrapsíquica imune ao contexto sócio-histórico que a circunscreve, isolada dos processos políticos que a situam? Embora seja mais ou menos assim que certa *doxa* percebe a psicanálise, essa apreensão distancia-se da experiência freudiana e da perspectiva que esse grupo de psicanalistas endossa através desta pesquisa. De fato, a concepção de sujeito para a psicanálise nunca se confundiu com a noção de um indivíduo solipsista ou dotado de uma interioridade fechada sobre si mesma. O sujeito da psicanálise sempre se situou na fronteira tênue entre a psicologia individual e a psicologia social. Não por acaso, insistia Jacques Lacan (1966, p. 258), o inconsciente é uma instância “transindividual”. Isso quer dizer que o inconsciente – aquele trabalhador que não julga, não pensa e não descansa – elabora conteúdos, impressões, intuições e percepções que nossa consciência não processa, não admite e não reconhece. Os sonhos funcionam como uma espécie de radar capaz de apreender com mais agudeza aquilo que parece recalcado ou não dito em nossa experiência social compartilhada. Os sonhos ressoam e testemunham a forma como a falta de sentido experimentada na vida social ordinária é tratada pela falta de sentido dos sonhos, cumprindo uma função protetora, ainda que desagradável, e de elaboração de algo que escapa às nossas representações. Além disso, no trabalho psíquico do sonho, Freud mostra que ficamos entregues às significações que as ruínas dos registros nos ofertam, sendo a narratividade sobre os sonhos uma liberação para novos possíveis a partir das edições singulares que cada sujeito faz das imagens oníricas recolhidas nas vivências diurnas.

Além disso, não é demais lembrar que Freud escreveu alguns de seus textos fundamentais em períodos de profunda transformação social e política: durante e logo após a Primeira Guerra Mundial, assim como em meio à pandemia de gripe espanhola, que vitimou uma de suas filhas, e ao longo da ascensão do nazifascismo. No início de 1915, Freud escreve suas “Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte”. O desafio metapsicológico da guerra se torna claro, pois ela obriga a todos e

a cada um a enfrentar a negação da morte: “no fundo, ninguém acredita em sua própria morte, ou, o que vem a ser o mesmo: no inconsciente, cada um de nós está convencido de sua imortalidade” (FREUD, 2020, p. 117). Ora, a guerra nos confronta com a impossibilidade de matar a morte pelo silêncio. A desilusão causada pela guerra nos obriga a mudar de atitude em relação à morte, pois ela desnuda a precariedade de nossas normas morais coletivas, exibindo o mecanismo pulsional subjacente a nossas ações. Durante a guerra, o caráter convencional de nossa cultura e de nossa moral se mostra em toda sua fragilidade: o homem primitivo se descortina por baixo de uma fina camada de convenções e de ideais.

Não poderíamos transpor essa leitura para o contexto atual da pandemia? Se, convencionalmente, renegamos a morte, preferimos não falar dela, a pandemia não nos confronta diariamente com imagens, números, discursos sobre pessoas mortas, corpos largados à rua, filas de caixões e falência dos sistemas de saúde, mesmo das nações mais ricas? Talvez possamos formular a hipótese de que tudo isso empresta imagens e palavras, ou seja, o contexto atual fornece representações para aquilo que é irrepresentável para o inconsciente: nossa própria mortalidade.

Em meio a todo esse relicário de nossas percepções e registros infraordinários, apresentamos, neste livro, a pesquisa multicêntrica “Sonhos confinados em tempos de pandemia”. Ela resulta do trabalho de pesquisadores que decidiram reunir e levar adiante algumas iniciativas regionais que já vinham estudando a temática dos sonhos em articulação com a política e a psicanálise antes da chegada da pandemia.

No Instituto de Psicologia da UFRGS, a pesquisa é coordenada pelas professoras Rose Gurski e Cláudia Perrone, na USP, pelos professores Christian Dunker e Miriam Debieux Rosa, e, na UFMG, pelo professor Gilson Iannini. Cada coordenador montou equipes com alunos de graduação, bolsistas de iniciação científica, mestrandos, doutorados e/ou pós-doutorandos. Capitaneados por psicanalistas, os grupos atraíram ainda pesquisadores ligados à filosofia, à história, às neurociências e às letras.

De modo geral, os núcleos e laboratórios envolvidos nesse estudo têm a psicanálise implicada como um comum na realização de trabalhos de pesquisa e extensão. Todos, de alguma forma, vêm buscando a construção de modos de levar a escuta psicanalítica – tradicionalmente marcada pela experiência em clínica privada – para outros espaços da cidade, aproximando a Universidade das demandas da sociedade. Além disso, o primeiro resultado dessas pesquisas é a constituição de um riquíssimo acervo, um arquivo desse momento traumático do ponto de vista singular e coletivo, e que poderá ser explorado nos próximos anos como testemunho fundamental de uma experiência histórica e social.

É preciso ainda contar que sob o signo da “Oniropolítica em construção”, os grupos da UFGRS e da USP começaram a trabalhar com sonhos ainda em 2019, buscando, através da dimensão do sonho e do despertar, uma possibilidade de fazer furo no discurso totalitário e hermético da atualidade. A ênfase da oniropolítica não recai exclusivamente sobre a dimensão terapêutica do sonho, nem tampouco sobre a proposta de construir noções específicas de uma biografia ou mesmo da psicopatologia do sujeito; trata-se, principalmente, de pensar na função coletiva do sonho e do sonhar.

Por seu turno, em abril de 2020, surgiu no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG o projeto “Sonhos confinados”: realizado por um grupo de pesquisadores e psicanalistas de Belo Horizonte, com o objetivo de coletar relatos de sonhos produzidos durante o período da pandemia de covid-19, a fim de analisar e/ou interpretar as estratégias subjetivas de elaboração do contexto histórico *sui generis* pelo qual estamos passando. O grupo partiu da premissa de que o espaço para relatar e para ser escutado pode não apenas fornecer material onírico importante para compreensão do mal-estar contemporâneo, mas ainda funcionar como uma ferramenta a mais para que o sujeito possa expressar as angústias, os medos e as frustrações vividas, sentidas ou pensadas durante o confinamento. Nesse sentido, trata-se de uma pesquisa-intervenção, que ofertou escuta individual a mais de uma centena de pessoas, na perspectiva dos efeitos terapêuticos rápidos.

Rapidamente, devido ao grande número de relatos de sonhos por mulheres, o grupo de pesquisa da professora Carla Rodrigues, da UFRJ, foi convidado a integrar o projeto e passou a reunir-se semanalmente com o grupo da UFMG, resultando numa colaboração intensa e fecunda. Além disso, foram discutidos métodos e hipóteses com pesquisadores associados ao Instituto do Cérebro da UFRN, sobretudo com a neurocientista Natália Mota, que nos ajudou especialmente com as ferramentas de análise computacional de linguagem natural.

Os dois coletivos de pesquisadores – UFRGS/USP e UFMG/UFRJ – tiveram o livro *Sonhos do Terceiro Reich*, da jornalista alemã Charlotte Beradt, como referência indispensável para esses trabalhos. No livro, a autora compila cerca de 300 sonhos de alemães depois da ascensão de Hitler, entre 1933 e 1939.

Beradt não era psicanalista, mas inscreveu a importante articulação do sonho como uma produção que reside nos limiares entre o sujeito e o social. Ela percebeu, através dos próprios pesadelos, a importância que o material dos sonhos pode ter em momentos de grandes catástrofes. Com a reunião e a publicação dos 300 sonhos de alemães, ela ofereceu um documento psíquico do totalitarismo. Os sonhos narrados por Beradt não explicam nada, nem a natureza do nazismo, nem a psicologia dos sonhadores, mas funcionam como uma espécie de sismógrafo íntimo da história política do III Reich. O livro mostra que, para muitos, o território onírico foi uma forma singular de resistir ao poder da tirania da época.

O interessante é que, nas narrativas oníricas, aparece claramente a percepção de um modo de funcionamento totalitário, ainda que, para a sociedade alemã da época, o regime não estivesse completamente explicitado. Um dos exemplos é um alemão que, no início dos anos 1930, sonha que todas as paredes de sua casa desabam, em uma clara alusão à destruição da privacidade também no espaço mais íntimo.

Todo esse trabalho com os sonhos também nos ajuda a problematizar o cenário atual vivido pela sociedade brasileira. Parece que a crise sanitária e política de nosso tempo nos transformou em espectadores passivos, cujos sentidos são produzidos em laboratórios e gabinetes, onde

se tece a genealogia de todos os tipos de ódios e onde se preparam as condições para o achatamento do pensamento e para a produção, como dizia Hannah Arendt, da banalidade do mal. Foi nesse âmbito que, gradativamente, vimos a política se perder como espaço da esfera pública passível de garantir o o livre pensar. Trocamos o debate de ideias por uma matemática perversa de algoritmos que, ao retirar a dimensão do desejo e do sonho, nos desumaniza. Será que, em meio a este cenário, os sonhos podem ser um elemento crítico que nos ajude a despertar deste tempo de adormecimento em que parecemos ficar na espera passiva pelo fim da história?

É neste sentido que buscamos renovar a psicanálise não somente como uma clínica do sofrimento psíquico individual, mas também como uma forma crítica de pensar as questões coletivas do tempo presente.

É importante destacar que não se trata de sugerir algo como uma predição do futuro ou adivinhação futurística, mas de dar relevo a percepções mínimas acerca das condições totalitárias de uma época. Ora, se o sujeito se constitui nos limiares entre o individual e o social, como dizia Freud, as questões públicas e sociais estão presentes nas singularidades e, portanto, na composição das narrativas dos sonhos. O livro de Beradt e o próprio desenrolar desta pesquisa nos mostrou exatamente que a luta social e política é travada não apenas na arena pública, mas também no espaço mais íntimo de cada sujeito, no inconsciente. Isso porque a vida onírica testemunha questões que constroem nosso tempo social, político e cultural.

O livro que o leitor tem em mãos, portanto, é um primeiro retrato, um instantâneo da pesquisa multicêntrica que reuniu diferentes pesquisadores de universidades públicas do país. Uma espécie de ontologia do tempo presente do ponto de vista psicanalítico. Nele, cada grupo de pesquisa destacou um tema, um recorte específico. Cada grupo foi fiel a suas premissas teóricas e metodológicas, sob o fundo comum do acervo principal e da ética da psicanálise.

Este livro não pretende ser uma descrição científica exaustiva da pesquisa em curso. Para esses fins, existem as revistas científicas, para

onde serão submetidos os resultados devidamente ponderados, descritas as técnicas, os métodos etc. Este livro dirige-se a um público mais amplo e adota, deliberadamente, uma linguagem um pouco menos técnica: destina-se a pessoas como Marina, Vanusa, Carioca, Zé Ninguém, Maria Preta, Ursa, Morena da Odontologia, oLIV, Eueueu, Nekara Ojuara, Risonha Azulada, CW, Mauro, Camélia. São gente como a gente, artistas visuais, professores, bibliotecários, autônomos, operadores de telemarketing, desempregadas, engenheiros, cozinheiras, psicanalistas, agentes de aeroporto, trabalhadoras do lar, artesãos, K-idols que nos enviaram seus sonhos, seus temores, suas palavras. Este livro é destinado a eles e elas.

Os coordenadores gostariam de agradecer imensamente aos inúmeros alunos de graduação e de pós-graduação que dedicaram seu tempo, seu esforço e sua paixão com a temática para a realização desta pesquisa. Muitos deles tiveram participação passageira, mas decisiva; outros fizeram e ainda fazem parte do projeto maior, o sonho de que os sonhos possam ganhar um espaço de reconhecimento social e coletivo em nossa vida cotidiana. ■

REFERÊNCIAS

BERADT, C. *Sonhos no Terceiro Reich*. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

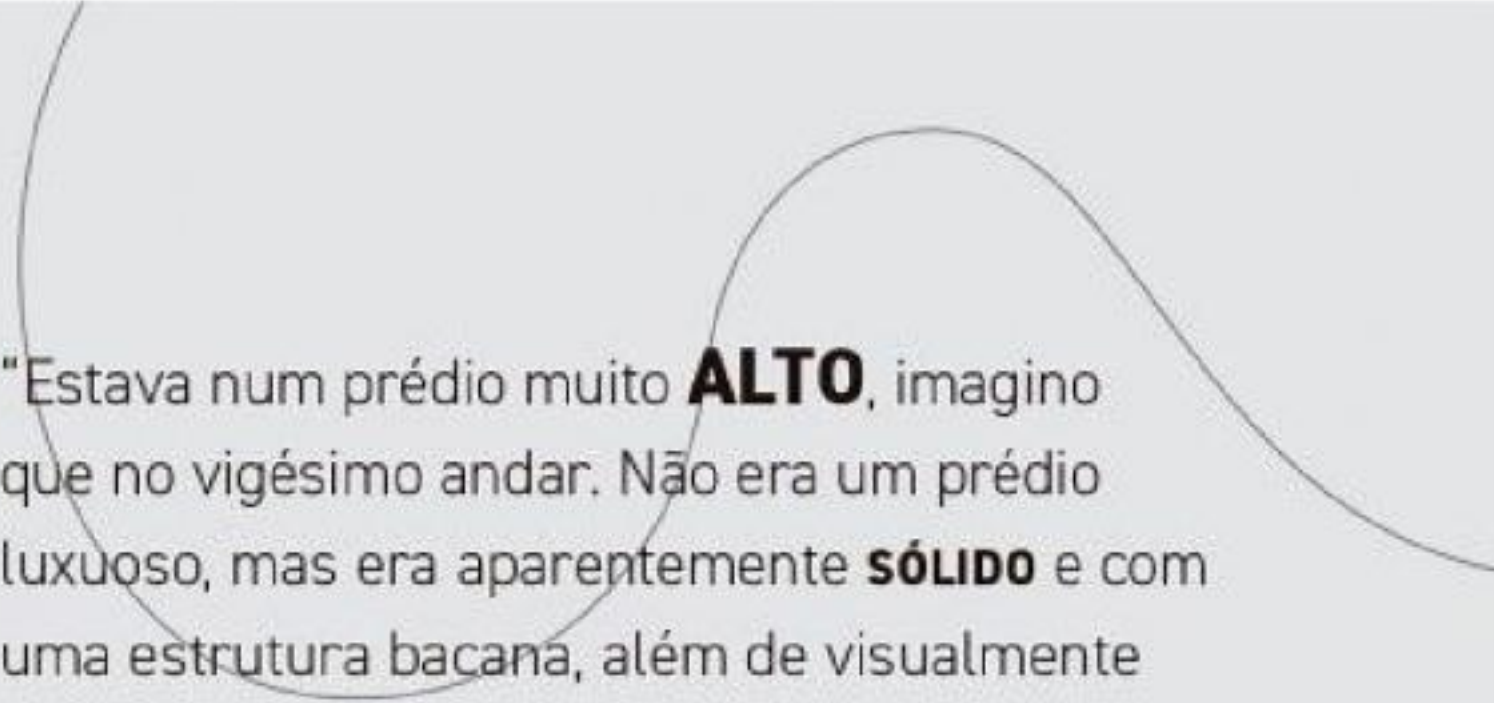
FREUD, S. (1900). Die Traumdeutung. In: *Gesammelte Werke chronologisch geordnet*. Editado por A. Freud, E. Bibring, W. Hoffer, E. Kris e O. Isakower. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1999. v. 2-3. p. 1-643.

FREUD, S. *Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos*. Tradução Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

LACAN, J. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

RIBEIRO, S. *O oráculo da noite: história e ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

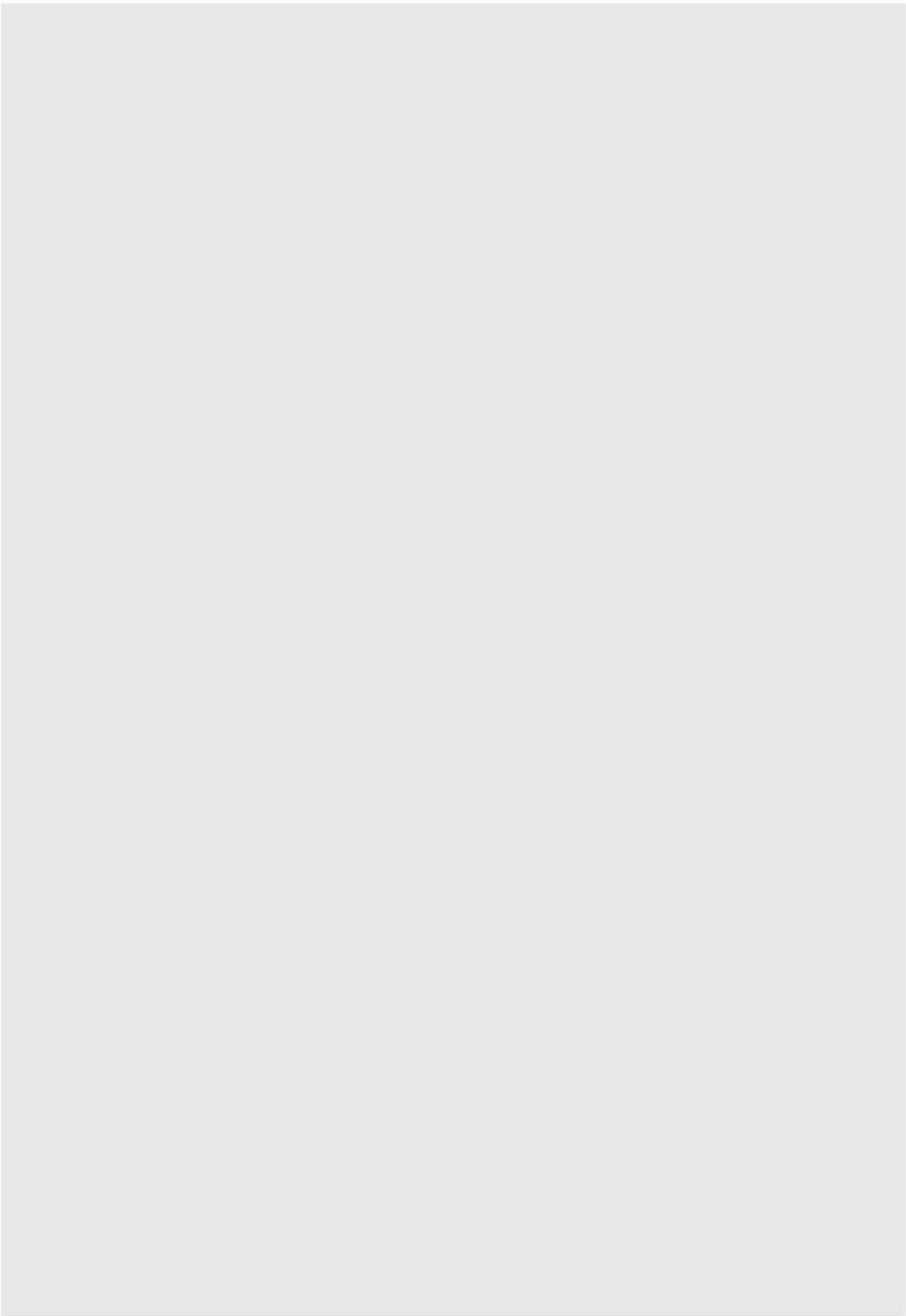
¹ Todos os relatos de sonho foram reproduzidos fielmente, incluindo eventuais erros ortográficos ou gramaticais.



“Estava num prédio muito **ALTO**, imagino que no vigésimo andar. Não era um prédio luxuoso, mas era aparentemente **SÓLIDO** e com uma estrutura bacana, além de visualmente bem decorado. Por algum motivo que não sei exatamente qual, tive que sair de forma **URGENTE**, poderia ser um **INCÊNDIO**, poderia ser um curto-circuito apenas... mas o fato é que não poderia usar o elevador. Então corri para a **ESCADA** e quando a encontrei fiquei muito chocada, pois o prédio havia ‘se virado em seu **EIXO**’... tipo, invertido os lados... e a escada ficou virada para a **PAREDE**, além de ter aberto um **BURACO**, um vão da altura dos andares.

Além de a escada ficar aparentemente **INACESSÍVEL** por 'começar na parede', a fenda muito larga que se abriu me **IMPEDIA** de sequer tentar chegar até a parede das escadas. Olhava o tamanho do buraco e a altura em que estava e sabia que seria **IMPOSSÍVEL**. Fiquei muito desesperada por estar **ENCURRALADA** ali e tive clareza de que não conseguiria me salvar, meu sentimento era de **PÂNICO**, muito **REAL** e até físico, tanto que acordei muito assustada e impressionada com tantos detalhes e a clareza com que eu via minha morte."

(ANNA, 38 ANOS, 20 DE MAIO DE 2020)



PÓS-ESCRITO

...Um ano depois

Gilson Iannini, Carla Rodrigues, Ana Luisa Sanders Britto, Ana Paula Menezes de Souza, Elisa Pires Atman, Gustavo Andrade Soares, Isa Gontijo Moreira, Julia Werneck, Juliana de Moraes Monteiro, Olívia Ameno Brun

Um ano depois, como estamos sonhando? Um dos primeiros participantes da pesquisa enviou seu primeiro relato ainda em março de 2020, logo depois de a OMS declarar que a covid-19 havia se tornado uma pandemia. Naquela altura, Júlio, nordestino, profissional da saúde, relatou um sonho em que viajava com uma amiga para Wuhan, na China, um dos principais polos da doença até então. No sonho, visitava feiras, hospitais, e tinha medo de ser contaminado. Sua amiga ignorava os riscos. Essa mesma amiga aparecia em outros sonhos, sempre negando o perigo do novo coronavírus. Um ano depois, Júlio diz que no início estava com muito medo, e que os sonhos sempre mostravam essa ameaça. Hoje, os sonhos não são tão angustiantes quanto antes: “Aprendi a lidar com a solidão e aprendi a me cuidar”. Afastado da amiga do sonho de Wuhan, percebeu que “o nome coronavírus é apenas uma ponta do iceberg do real da realidade da pandemia e das relações”.

Thaís, paulista de 21 anos, também observa que já não sonha tanto nem tem mais sonhos marcantes que a façam acordar no meio da noite, em pânico, confusa. “Sinto que meus sonhos mudaram bastante... Sonho muito com reencontros e às vezes reelaboro memórias”. Já Marina, 30 anos, estudante de pós-graduação, conta que tinha muito

medo dos conteúdos dos seus sonhos, principalmente quando sonhava com animais. Os sonhos com animais diminuíram, e, quando ainda ocorrem, os sentimentos que eles evocam estão mais próximos da pena do que do medo. “É estranho que meus sonhos sejam mais tranquilos atualmente, porque hoje estou passando por situações muito mais difíceis do que naquela época.” Segundo ela, o fato de ter se acostumado com o isolamento e de ter conseguido estabelecer uma rotina a ajudou a se sentir mais segura também no universo onírico.

Esses três relatos, escutados individualmente, são paradigmáticos do ponto em que nossa vida onírica se encontra neste momento, um ano depois da chegada da pandemia. O relato de Marina formula o paradoxo de maneira exemplar: concretamente, a situação está mais difícil, mas os sonhos, estranhamente, parecem mais tranquilos. Apesar do número de mortos ter ultrapassado a barreira de 2.000 mortes diárias no Brasil, apesar do colapso cada vez mais iminente do sistema de saúde, do cenário político cada vez mais incerto e mais polarizado, em linhas gerais, a vida onírica parece apontar uma tendência de estabilização, de “normalização”. Como explicar essa aparente contradição? Tipicamente, nos sonhos coletados cerca de um ano depois da chegada da pandemia, em fevereiro e março de 2021, ouvimos declarações como: “No início da pandemia eu sonhava bastante, agora sonho bem menos” (NG, 25 anos); “Talvez meus sonhos agora estejam como eram antes da pandemia” (Carla, 35 anos); “Acho que os sonhos não estão mais relacionados à pandemia” (Amarilys, 71 anos). Isso vale também para a sensação de intensidade: os sonhos agora parecem menos intensos, menos “reais” do que aqueles relatados nos três ou quatro primeiros meses da pandemia.

Um ano depois, o que os sonhadores associam espontaneamente a seus relatos? “[O sonho] me fez pensar em como estou levando minha vida desde o ano passado: em movimento, mas sem destino”, diz a estudante carioca Maíra. “No sonho, eu tive uma sensação muito grande de tentar me adaptar ao caos”, completa L.A., de 20 anos. Essa tentativa de se adaptar, de seguir em frente, parece responder a diversos fatores, especialmente à longa duração da pandemia, que obriga as pessoas a se adaptarem a novos cenários. Mesmo assim, persiste uma sensação de

estranheza, uma espécie de desgosto relativo ao que a pandemia revelou sobre nós mesmos, que surge na fala desta sonhadora: “É um sentimento contínuo de estranhamento, de não sentir que fazemos um pacto coletivo nessa pandemia, seja o pacto pelo isolamento, pelo uso de máscaras ou em tomar vacina”.

Dados preliminares da pesquisa com os sonhos recebidos em fevereiro de 2021 – justamente em um período de pico de casos contaminação, de aumento significativo do número de mortes – sugerem que algumas características dos sonhos coletados no início da pandemia parecem estar menos presentes. Um exemplo são os sonhos com elementos fantásticos, surreais, quase ininteligíveis. Apesar de a sensação de ausência de sentido ou o caráter absurdo serem traços dos mais corriqueiros no universo dos sonhos de modo geral, ou pelo menos de seu conteúdo manifesto, a chegada da pandemia havia intensificado essa sensação de estranheza exponencialmente. “Estou estranhando minha própria maneira de sonhar”, era uma das sentenças que mais escutávamos. Como se a estranheza própria ao sonho se reduplicasse frente à ausência de coordenadas simbólicas para lidar com a ruptura traumática vivida cerca de um ano atrás. A novidade do isolamento social, das medidas restritivas e dos rituais de higienização, além do medo de se contaminar e de morrer, bem como o horror às desconhecidas consequências do sombrio momento histórico que nos pegou a todos de surpresa, exigia de cada um grande trabalho de processamento, elaboração e assimilação da nova realidade. Os sonhos expressavam essa exigência suplementar de trabalho psíquico. Com a relativa reordenação e adaptação de nossas vidas a novas rotinas, a sensação de que os sonhos no início da pandemia eram mais confusos e mais absurdos é confirmada de várias maneiras.

Tomemos o caso de Anna, 38 anos, que elegemos como “sonho paradigmático” no Capítulo 1 deste livro. Diante de um contexto catastrófico que fez dissolver a sua estável situação profissional e financeira, ela sonha que precisa escapar de um edifício, mas seu elevador não funciona; ela corre em direção às escadas, mas estas se viram para o lado da parede, tornando-se inacessíveis; para completar, abre-se uma

fenda entre a parede e a escada, que encurrala a sonhadora ainda uma vez. Ela, então, desperta em pânico, com a sensação de que era tudo “muito real”, como nos contou em maio de 2020, nos primeiros meses do confinamento.

Recentemente, Anna foi escutada de novo, quase um ano depois de ter narrado seu sonho para a pesquisa. Como muitos dos participantes, ela também nota que, apesar de a situação poder ser descrita como “pior que aquela”, houve certa adaptação à nova realidade. Se naquele momento ainda estávamos protegidos pela ignorância de que o pior ainda estaria por vir e até esperançosos de que a pandemia não fosse durar tanto tempo, atualmente, segundo ela, o sentimento é de “resignação” e de “frustração”. Essa mudança de grau, mas talvez não de natureza, se reflete nos sonhos. Para ela, aquela foi “uma fase muito fértil nesse aspecto e agora é como se fosse um breu, assim, uma escuridão...”. Seus sonhos perderam a profusão de detalhes e as características vívidas, que chegavam a apontar para a dissolução das fronteiras entre a realidade e o sonho: “não tenho aquele cenário tão claro!”, conclui.

Apesar de todas essas diferenças, a angústia persiste. Seus sonhos atuais, de certa maneira, manifestam a marca da impotência, especialmente através da sensação de que o cerco sobre ela continua a se fechar: “É sempre umas coisas assim, coisas que eu não consigo resolver. É como se eles se repetissem com essa temática, né, eu preciso de entregar uma coisa que eu não vou conseguir entregar, eu preciso de encontrar alguém que eu desencontro dessa pessoa o tempo todo, ela está num lugar e eu estou no outro... Essa impossibilidade de não ter esse mínimo controle...”, diz ela em março de 2021.

O cenário pandêmico frequentemente presente nos sonhos de 2020, como sair e esquecer a máscara, entrar por engano em aglomerações, ser contaminado, já não aparece com a mesma frequência ou intensidade daquela constatada, especialmente, nos primeiros três ou quatro meses da pandemia. Aqueles sonhos serviam como uma elaboração de um contexto que escapava às representações dos sujeitos, visto que tudo era novidade e incerteza.

Depois de um ano, os sonhos parecem, até certo ponto, já ter cumprido essa função de elaborar cenários possíveis e processar o trauma. Persistem, no entanto, elementos que desde o início tinham invadido o espaço onírico e a vida cotidiana, como a máscara de proteção, o medo da contaminação e a morte. Essa função protetora, mesmo que desagradável, parece ter se diluído na volta à rotina – ainda nada normal, mas um pouco menos desconhecida. Ainda há relatos de sonhos como “sempre me assusto por perceber que estou sem máscara”. Contudo, percebemos um deslocamento interessante: enquanto a palavra “máscara” aparecia antes não exatamente no interior dos sonhos, mas nas lembranças conscientes (nos “restos diurnos”) ou nas associações dos próprios sonhadores, agora ela aparece no interior do sonho, no próprio relato, como um elemento novo, de certa forma integrado ao espaço psíquico. Despertamos para voltar a dormir, como dizia o psicanalista Jacques Lacan.

Um dado extremamente relevante é o próprio número de sonhos endereçados à pesquisa. Nos primeiros meses, recebemos cerca de 900 sonhos. Embora a coleta tenha permanecido aberta ao longo do tempo, pelo menos na base de dados da UFMG, o número de sonhos recebidos caiu vertiginosamente. As redes sociais também testemunharam esse refluxo: menos gente contando ou conversando sobre sonhos. Isso torna o fenômeno aqui investigado ainda mais interessante. Com o passar do tempo, muitas pessoas começaram a relatar uma maior continuidade entre os sonhos atuais e os sonhos anteriores à pandemia. Mais ou menos como fomos aos poucos nos acostumando às novas rotinas, os sonhos, de certa forma, refletem isso. Além disso, o próprio entusiasmo de muitos psicanalistas com o tema dos sonhos pandêmicos decaiu ao longo do tempo. É claro que houve flutuações e ondas de fluxo e refluxo, tanto do número de sonhos quanto do interesse dos psicanalistas. Mas, de modo geral, o próprio interesse coletivo pelo tema indica um dado importante, que confirma as hipóteses apresentadas neste livro.

Cerca de um ano atrás havia um acontecimento traumático e coletivo a ser absorvido, processado, e os sonhos foram um caminho particularmente importante para aquilo que restava não-simbolizável no

acontecimento traumático. Com o passar do tempo, parece ter havido uma espécie de normalização, uma acomodação que, para muitos, tornou banal até mesmo as mortes cotidianas – chegamos a 2.798 em 16 de março de 2021. Ao mesmo tempo em que os hospitais estão lotados de pessoas lutando por suas vidas, que os corpos são acondicionados em contêineres, o número de pessoas nos bares e restaurantes de algumas cidades nos dão uma amostra da indiferença cada vez maior.

Como isso se manifesta no universo onírico? Teriam os sonhos perdido a capacidade de representar, no sujeito, o sofrimento social? Essa banalização das mortes no campo coletivo em nada diminuiu – talvez, bem ao contrário, tenha aumentado – o sofrimento de quem passou por experiências de perda, como no sonho da professora Jussara:

- Sonhei que era noite e uma mulher estava tratando uma comida na pia e colocando as partes numa panela. Ela esperava a família para almoçar. Cortava a carne e temperava bem. Em seguida ela coloca para cozinhar num grande caldeirão de água fervente. Após colocar todas as partes temperadas ela olha a cabeça decepada de um homem branco caucasiano que ainda estava na pia. Ela olha para os lados e coloca a cabeça do homem num saco preto de lixo. Na sua mente ela pensa que precisa jogar fora antes que as pessoas que espera para almoçar cheguem. Ela sabe que ninguém pode ver a cabeça. A comida que será servido é o corpo do homem. A família, que comerá a comida que está sendo preparada não deve saber o que será comido. Acordo antes dela se livrar do saco preto com a cabeça dentro (Jussara, 48 anos, 28 de fevereiro de 2021).

Apesar do cenário catastrófico do ponto de vista sanitário, com mais de 1.200 mortes ocorridas por covid-19 naquele 28 de fevereiro, o sonho é ambientado num cenário corriqueiro, cotidiano de muitas famílias brasileiras. Uma mulher prepara o almoço para sua família e espera. Mas ela guarda um segredo sobre o que será servido: o corpo de um homem. À psicanalista que a escuta individualmente, Jussara relata que se sentia bem naquele dia. Depois de ter passado quase sete meses em isolamento em um apartamento pequeno, ela acabara de retornar de uma temporada

de quase 120 dias no interior, em uma casa em que havia podido recobrar o contato com a natureza que ela tanto amava e do qual a quarentena a havia privado. Ao falar especificamente do sonho, Jussara nos conta que essa cena de intenso horror, paradoxalmente, não lhe causava mais nenhum estranhamento. Ela menciona ainda esse sentimento de anestesia diante da morte: de certa forma, tornou-se banal colocar corpos em sacos para, pura e simplesmente, descartá-los depois. Segundo Jussara, parece que, em algum momento, perdemos a capacidade de nos horrorizar diante da morte. É com alguma indiferença, e não mais com horror, que, depois de temperar e cozinhar as partes do corpo do homem, “ela olha para os lados e coloca a cabeça do homem num saco preto de lixo”.

Nesse momento, Jussara relata à psicanalista culpa por estar bem enquanto o país está tão mal: “Isso que a gente não fala no dia a dia vem nos sonhos né?”. A cena do sonho nos remete a uma junção de processos de introjeção e incorporação, típicos de mecanismos psíquicos bastante primitivos, representados na cena pelo ato de canibalismo. Mas esse canibalismo é integrado ao cotidiano. A banalização da morte é incorporada à vida onírica. Tudo se passa como se mecanismos regressivos mais arcaicos fossem mobilizados diante de uma falência do pacto social que sustenta o princípio de realidade, acarretando uma espécie de sensação de anestesia psíquica. Para nos proteger, nos tornamos indiferentes.

Teriam os sonhos cumprido seu papel de amparo e proteção, elaborando e processando o real do primeiro tempo do trauma até onde era possível com os meios que lhe são próprios? Teriam esgotado sua capacidade de processamento e levado até o limite sua capacidade de simular futuros possíveis? Aquilo que sobrevém do trauma, como resto não elaborado pelo processo onírico, não retorna sob a forma de sofrimento e de sintomas? Por exemplo, se os sonhos dos primeiros meses da pandemia eram acompanhados de intensas sensações de angústia e ansiedade, a angústia antes manifesta nos sonhos parece ter se deslocado para a vida de vigília.

Este sonho foi relatado, por escrito, por uma jovem mulher, residente em uma metrópole. Anna (nome fictício) também se dispôs a uma escuta individual com um psicanalista. Por telefone, ela conta que é sócia de uma empresa já consolidada no mercado imobiliário. Fala pouco ou quase nada sobre família ou relações pessoais, privilegiando temas ligados ao universo do trabalho. Assim como na vida, no sonho ela está só. É o que a escuta confirma: Anna já vinha lidando com a questão desse superinvestimento profissional, situação intensificada pelo isolamento social.

Anna relata ainda que, há alguns anos, trabalhava para uma grande empresa que encerrou suas atividades subitamente, com a consequente demissão de todos os funcionários. Passou por períodos de muitas incertezas, “de muitas turbulências”, mas conseguiu reerguer-se, reconquistando uma “posição sólida” no mercado. Era o que tudo indicava, pelo menos até o início da pandemia. O recuo do mercado em geral lhe parece inevitável, e o futuro profissional a aflige. Durante o isolamento social, tem feito muitos cursos on-line, destacando, entre outros, um curso de literatura: “gosto muito de literatura”, completa. Esse traço em particular será determinante na maneira como ela elabora o conteúdo de seus próprios sonhos. Além disso, faz exercícios físicos em casa e relata visitas semanais à mãe e à irmã. Esse é o único momento em que fala, de passagem, sobre seus laços familiares.

Convidada a falar sobre seu sonho, o primeiro elemento ao qual se refere e que parece lhe ter causado maior perplexidade são as escadas viradas para a parede e o prédio que gira em seu próprio eixo. Ela acaba por associar o sonho ao desmantelamento de sua carreira e de sua vida profissional, em ascensão até aquele ponto. O que era “sólido” e “bem estruturado” parece, subitamente, dissolver-se. Segundo a própria sonhadora, as escadas que se viram para a parede podem ser lidas de duas formas: por um lado, representam a ascensão profissional que vinha ocorrendo e que foi brutalmente interrompida, e, por outro, a impossibilidade de sair da situação angustiante que atravessa naquele momento, pois o que a sonhadora destaca é o aspecto dos acessos fechados, do desmantelamento do edifício e sua dissolução, o que resulta

Ao contrário de nossa expectativa inicial, para nossa surpresa, as palavras mais frequentes nos relatos de sonhos coletados não foram “vírus”, “morte” ou “pandemia”, mas termos mais triviais, como “casa”, “amigo/a/s” ou “mãe”. Resultados preliminares da leitura computacional de cerca de 900 sonhos coletados na base de dados da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) entre abril e julho de 2020¹ trazem dados surpreendentes. Algumas considerações preliminares precisam ser feitas, antes de prosseguirmos. Quando dizemos, por exemplo, que a palavra mais recorrente nos sonhos dos brasileiros por nós ouvidos nesse período é a palavra “casa”, isso não quer dizer que “casa” tenha o mesmo sentido ou a mesma valência para todos. Ao contrário, a dimensão semântica foi deliberadamente afastada nessa vertente da pesquisa. Trata-se apenas e tão somente de detectar a frequência de palavras – independentemente de seu sentido – e a co-ocorrência delas. Dessa forma, interessa-nos a dimensão puramente significativa dos sonhos. Nesse sentido, a “casa” que ocorre em cada sonho representa para este ou aquele indivíduo sentidos bastante diversos. Trata-se, no limite, de uma construção única da relação do sujeito com aquela palavra, que se refere à trama contingente de cada história pessoal. O que não quer dizer, por outro lado, que o significante “casa” não indexe também algo que diz respeito à nossa inserção social e política, e especialmente ao momento histórico que recorta nossa experiência individual e coletiva. É no âmago dessa porosidade entre o singular e o coletivo que a pesquisa se localizou.

O significante “casa” é especialmente interessante por toda a ambiguidade de sentimentos que ele aglutina, especialmente neste momento histórico particular. A frequência absoluta da palavra “casa” em relatos de sonho parece não ser uma especificidade de sonhos pandêmicos. O que chama a atenção aqui são dois aspectos: a ambiguidade afetiva associada à “casa” e a rede de co-ocorrências que ela encerra.² É para casa que queremos voltar, quando estamos cansados; é de casa que queremos fugir, quando estamos confinados. É em casa que nos sentimos à vontade, mas também é dentro de casa que nos sentimos sós, mesmo estando com outros. É em casa que nos sentimos seguros, mas é em casa que nos angustiamos. Uma casa nem sempre significa

única realidade. Fenômeno esse aguçado pelo efeito de redundância típico das bolhas digitais: o compartilhamento de índices de realidade e de crenças baseadas neles é fortemente dependente de interações sociais, que, por sua vez, são cada vez mais dependentes de mediações nas redes. A sensação de que a ficção invade a realidade não é mais restrita aos artistas de vanguarda.

Assim, muitas de nossas experiências subjetivas mostram-se instáveis, reiteradamente submersas em novas espacialidades, virtualidades, rupturas espaçotemporais, que certamente afetam a sensação de estabilidade. Há, também, dimensões traumáticas que se tornaram feridas ainda mais expostas durante a pandemia, evidenciando a enorme desigualdade social brasileira, os racismos e as violências contra corpos diversos, sem falar no colapso ambiental – pesadelos que invadem o sonho e a vigília.⁵ Historicamente, Walter Benjamin acenava, nos anos 1930, para as vivências traumáticas que instauraram efeitos de ruptura e esgotamento, após a catástrofe da Primeira Guerra Mundial. Questionava, assim: “qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?” (BENJAMIN, 1994, p. 115). Em outras palavras, denunciava como fenômeno da modernidade o empobrecimento da experiência, com a perda da capacidade de transmissão e de narração do vivido, colocando-nos numa posição bastante nova e desafiadora.⁶

Nesse momento, portanto, em que as fronteiras entre a ficção e a realidade parecem se dissolver e se embaralhar, o conceito freudiano de infamiliar pode nos fornecer um paradigma da nossa condição contemporânea: a pandemia na qual estamos mergulhados seria o acontecimento que teria explicitado essa generalização e precipitado seus efeitos. A presente pesquisa pretende, portanto, mapear os efeitos psicológicos do confinamento através da análise dos sonhos.

Sentir-se em casa... em casa?

Nas “Conferências introdutórias sobre a psicanálise”, Freud ofereceu uma definição que poderia descrever a experiência dos indivíduos

Essa premissa se desdobra de duas proposições em relação ao trauma. A primeira delas diz respeito à distinção estabelecida por Freud na elaboração sobre a neurose e a síndrome da repetição traumática, quando o problema do traumatismo é colocado a partir da perda do objeto materno, que deixa marcas no desejo enquanto uma busca por “reencontro” com esse objeto perdido. Nesse sentido, todo encontro com um objeto amoroso teria o caráter de reencontro, sob o pano de fundo dessa perda primordial da mãe, que seria um modelo de todos os outros traumas, uma primeira experiência de desamparo.

A segunda é a proposição lacaniana sobre essa tese, que se fundamentará na experiência da linguagem. Ao aprender a falar, somos convocados pelos adultos a nos comunicar sobre o que sentimos e experienciamos, situações que muitas vezes nos colocam diante de limites da linguagem, isto é, diante de certas impossibilidades de tradução, a que Lacan dá o nome de “real”. Há uma série de fenômenos clínicos que decorrem da categoria do real, situando-se ao mesmo tempo na borda e no fundo desse sistema da linguagem. O trauma pode ser assim pensado como um desses fenômenos que “tocam o real” (LAURENT, 2004, p. 24), sendo por isso um desafio à simbolização.

Nesse sentido, “o trauma é um buraco no interior do simbólico” (LAURENT, 2004, p. 25), configurando assim um ponto de real que permanece exterior a uma representação simbólica, estando o real em uma “exclusão interna ao simbólico”. Esse ponto de real que não se deixa absorver pelo simbólico é vivido enquanto angústia generalizada ou angústia traumática. É essa a razão que faz o trauma ser tão repetitivo, seja nos sonhos e nos pesadelos, seja também nas mais diversas formas de manifestação sintomática, que incluem sintomas somáticos ou psíquicos, crises de angústia, pensamentos obsessivos em *looping*, fuga da realidade e exposição narcísica a riscos etc. Esses sintomas podem operar como uma significação precária e, muitas vezes, rígida da falha em se inscrever na ordem simbólica que se inicia na fissura do trauma. Buracos que resistem como feridas abertas, reiniciando o processo sintomático de novo e de novo, sem nunca se deixarem metabolizar completamente pela teia do que é representável, narrável, isto é, daquilo que ocupa um lugar tangível

"[...] várias cenas aparentemente cotidianas acontecendo até que eu percebi que uma presença **MALIGNA** aparecia e **DESAPARECIA** do campo de visão. Ela apareceu primeiro como uma entidade **DISFORME** e **PRETA**, depois como um ser com características de **COBRA**, porém com torso de **MAMÍFERO**, quando no sonho tentei **FUGIR** e pedir ajuda à vizinha daqui do meu prédio com quem tenho mais **AFINIDADE**, ela também se revelou como ajudante dessa entidade que queria me fazer **MAL**."

(LUCAS, 22 ANOS, 28 DE MAIO DE 2020)

Está em jogo aqui a dimensão protetiva do aparelho psíquico, que Freud (2020) definiu como anterior ao próprio princípio de prazer.

Os relatos continuam com esse traço dos locais infamiliars e o posterior despertar assustado, tais como nos sonhos de Luiza e Raquel:

- Estava na minha casa com uma amiga de infância. Uma pessoa entrou na casa dizendo estar desesperada procurando por dinheiro. De repente a pessoa queria nos agredir e falei pra minha amiga destrancar a porta e ela não estava conseguindo. (De fato: meu marido me acordou e disse que eu estava com respiração ofegante) (Luiza, 31 anos, 25 de maio de 2020).

- Sonhei que estava numa casa que não era minha, e estava cheia de gente. Entraram umas pessoas de máscara, acho que eram todos homens, e eles usavam máscaras de pano. Essas mesmas que usamos na pandemia. Eles iam matar a gente. Eu saí correndo da casa e consegui ir pra rua. Estava de noite, a rua estava vazia. Eles vieram atrás de mim. Eu comecei a correr e precisava gritar "socorro" para me salvar. Só assim eu iria me salvar. Eu abria a boca, fazia esforço e o grito não saía. Eu ia morrer. Me esforcei muito para gritar, eu estava correndo. Até que eu acordei (de verdade) gritando "socorro", e muito cansada, como se estivesse correndo. Fiquei cansada todo o dia (Raquel, 50 anos, 26 de maio de 2020).

Quanto ao sentimento da falha da proteção, no caso de Raquel, é o próprio corpo que vacila com a sonhadora, e, no caso de Luiza, a amiga de infância, tão conhecida em sua história, não consegue a proteger do assaltante. Nos dois relatos as sonhadoras acordam ofegantes, cansadas e angustiadas. A expressão do susto também surge, para além da ruptura, nos seguintes trechos: "Entraram umas pessoas de máscara, acho que eram todos homens, e eles usavam máscaras de pano. Essas mesmas que usamos na pandemia. Eles iam matar a gente" e "De repente a pessoa queria nos agredir".

O sonho é percebido aqui como se fosse um esboço narrativo para essas percepções – há, nesse sentido, um esforço psíquico em tornar essas impressões, pela via da repetição em sonhos, em representações. Freud nos atenta para o fato de o caráter da repetição no sentimento de

desorientação semelhante, por outro caminho. O infamiliar, nesse sentido, não é a perda do familiar, a perda do lar, da *Heimlichkeit*. O infamiliar, na verdade, seria uma operação mais sofisticada na qual o significante “casa”, costumeiramente relacionado à ideia de amparo e de acolhimento, já não garante uma experiência de habitar alguma segura ou sólida morada. Afinal, é dentro de casa que nos sentimos sós, que nos angustiamos, de onde, às vezes, queremos fugir.

● Sonhei que estava em casa, muito real, muito mais real que a maioria dos meus sonhos, nesse tinha cores vivas e um ambiente íntegro, diferente de outros sonhos confusos, em preto e branco que normalmente tenho. Minha casa estava cheia de gente, como normalmente ela fica quando tem gente da célula da igreja aqui, e havia dois dos meus melhores amigos que não vejo desde antes da quarentena. Um deles estava bebendo água na geladeira, eu falava com ele e depois atirava nele, em primeira pessoa, e ele se escondia atrás da porta da geladeira, aí meu outro melhor amigo corria pro quintal, onde tava cheio de gente, e eu dava dois tiros à queima roupa nele também, ainda em primeira pessoa, e ele caía ensanguentado. As pessoas olhavam indiferentes pra morte, meu pai dizia como meu amigo era legal. Aí eu me dava conta do que fiz, ia até o banheiro correndo pra dentro de casa, daí pra frente o sonho mudou para terceira pessoa, e a “câmera” focava em mim em quanto [sic] eu não via o que estava à frente pois corria em direção à “câmera”, então surgia no banheiro chorando e dizendo isso é só um sonho, só pode ser um sonho, não é real, não é real, mas falando isso acreditava que era real mesmo assim, aí acordava (Mamute, 20 anos, 12 de junho de 2020).

Como recurso dos próprios sonhadores, na elaboração de seus relatos oníricos, eles recorrem aos meios de representação das produções estéticas e da linguagem artística, como ocorreu no primeiro “sonho do prédio que gira em torno do eixo/sonho de Dalí”, anteriormente abordado. Elaboraões oníricas respondem à exigência suplementar de trabalho psíquico, perpetrada pelo trauma coletivo da chegada da pandemia. No trabalho do sonho, além dos mecanismos de deslocamento e condensação, é preciso haver um meio qualquer que

médicos em um laboratório. Desse modo, a pandemia esgarçou o sentimento contemporâneo desvelado pelo infamiliar como condição paradigmática para a vivência dos sujeitos na passagem para o século XXI. No campo do visível, estamos, se seguirmos o conceito de imagem proposto por Agamben em diálogo com Warburg, diante de imagens arcaicas que indicam não a glória e o regozijo de ver e saber algo, mas, ao contrário, imagens que só confirmam a impossibilidade de se retornar para uma origem, porque, simplesmente, não há origem; não há qualquer lugar de conforto ou horizonte de reconciliação. Em certa medida, sonhos são também imagens que anunciam a falha incrustada no campo da visualidade: as imagens não nos revelam algo, tal qual uma janela para o mundo, elas não mostram ou dão a ver algo, pelo contrário, elas são inadequadas, lacunares, cindidas por rasgos e fissuras, por excessos inapreensíveis pelo registro do simbólico. Nessa pura instabilidade do visível, ver é também perder – a casa, o lugar de conforto, a *Heim*, é a lição que nos dirige o Freud em “O infamiliar”. A imagem, portanto, não é um elemento apaziguador, ela é atravessada por traumas, sintomas e cisões que marcam a cultura. Não por acaso, as imagens oníricas raramente nos tranquilizam: o prédio gira em torno do próprio eixo, aparecem cobras com torso de mamífero e rostos quebradiços que deixam entrever o cérebro...

radical diante de uma ruptura traumática, é como outra pessoa que “sai de dentro de mim e me devora” (p. 36).

Os sonhos confinados nos indagam sobre a anatomia de um país em dissolução, como rostos quebradiços que mostram nosso cérebro, nossos ossos, nossa carne. O limiar entre a vida e a morte é tênue, quase imperceptível: “foi horrível, pois foi de uma forma muito fácil, frágil, evitável”. As escadas estão logo ali, mas inacessíveis: uma parede nos separa delas e uma fenda nos separa das paredes. Só pode ser um sonho, “não é real, não é real”! Mas enunciar isso não era suficiente: “era real mesmo assim”. A morte fácil, frágil, evitável. Só despertaremos quando alguém nos disser: “B., tá vendo? Essa é você”. ■

REFERÊNCIAS

AB’SABER, T. A aceleração da história e o vírus veloz. *Revista Cult*, n. 257, 6 maio 2020. Disponível em: <http://bit.ly/3qVPnyD>. Acesso em: 16 mar. 2021.

AGAMBEN, G. O que é um paradigma? *In: Signatura rerum: sobre o método*. Tradução de Andrea Santurbano e Patricia Peterle. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 9-44.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. *In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet; prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 114-119. (Obras Escolhidas, I).

CASSIN, Barbara (Coord.). *Vocabulaire Européen des Philosophies: Dictionnaire des Intraduisibles*. Paris: Le Robert/Seuil, 2004.

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos (1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019a. (Obras Completas, 4).

FREUD, S. *Além do princípio de prazer*. Edição crítica bilíngue. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

FREUD, S. Das Unheimliche. *In: Gesammelte Werke (werke aus den jahren 1917-1920)*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1999. p. 227-268.

“Presente”: Tempos de sonhar

Gilson Iannini, Keilah Freitas Gerber, Omar David Moreno Cárdenas, Luana S. Tvardovskas, Guilherme Henrique Rodrigues

Medo do futuro, da ascensão do fascismo. Medo da morte, do luto. Medo de ficar presa... de perder liberdade. Não tenho certeza de nada, só que esses sonhos estão ficando mais “reais”.

Letícia, Brasil, 2020.

Sonho que sonho apenas com retângulos, triângulos e octógonos, que de algum modo parecem biscoitos de Natal, pois é proibido sonhar.

Homem jovem, Alemanha, por volta de 1930.

Um acontecimento traumático desorganiza nossas relações com o espaço e com o tempo. Os sonhos nos mostram isso com especial clareza. No capítulo anterior, discutimos como os sonhos elaboram a impossibilidade de nos sentirmos em casa em casa. O caráter traumático da pandemia, assim como a correlativa exigência de isolamento social e atravessamentos políticos, têm fortes repercussões psíquicas. No presente capítulo, trataremos das relações dos sonhos com o tempo, tanto no sentido de sua relação com o momento histórico presente quanto em relação às nossas experiências subjetivas da temporalidade.

analítico, a sua interpretação pode ser não-toda, pois há elementos opacos que resistem à interpretação e que nomeamos como o *umbigo do sonho*. Apesar disso, é sabido que “o inconsciente [...] em suas formações – sonho, lapso, chiste ou sintoma – já procedeu por interpretação” (LACAN, [1964] 1988, p. 125). Ou seja, o próprio sonho já é uma interpretação do inconsciente, redobrada pelo próprio relato, que constitui uma espécie de elaboração secundária. Por essa razão nos interessamos pelas associações que os sonhadores fizeram aos seus próprios sonhos, que esclarecem as suas relações com o atual e com o progresso. Assim, na relação com os sonhos, “o fundamental é o caráter não homogêneo do tempo, ou seja, a inserção, no tempo comum, no tempo espacial do ponto suplementar, do ponto no infinito, em que podemos encarnar o acontecimento imprevisto da interpretação” (MILLER, 2000, p. 70).

Em relação ao que se apresenta como *necessário* para cada um, Slavoj Žižek (2020) propõe que consideremos no tratamento que cada um dá à realidade da covid-19 o suporte fantasmático na emolduração da realidade. Ao concordarmos que a realidade social não deixa de evocar as fantasias singulares, estamos marcando que cada um coloca algo de si na relação que estabelece não somente com a pandemia, como também com o isolamento social, o impacto econômico que daí advém e o atual cenário político. Tal reflexão se assenta à aproximação que Freud ([1930] 2020) faz da Cidade Eterna, Roma, com a conservação de elementos históricos no aparelho psíquico. A longa e rica história das construções romanas, desde a sua constituição, forma camadas que ainda podem ser encontradas dispersas nas intrincadas edificações da cidade moderna. É possível identificar trechos de muros e muralhas ancestrais, escombros e ruínas, e, sob o solo da cidade, conservando o passado, ainda descansam muitos sinais de seus antigos edifícios. De modo semelhante a Roma, também no aparelho psíquico, o passado “pode ficar conservado na vida anímica e não precisa, necessariamente, ser destruído” (FREUD [1930] 2020, p. 315). Há, portanto, camadas de memórias, mais ou menos preservadas, conforme as condições sejam favoráveis, que coexistem e têm tanta importância quanto o que se opera no tempo atual. O próprio

que se sobrepõem e interpõem-se umas às outras, o sonho obtém o material para sua efetivação. Os elementos que o compõem estão distribuídos numa rede que não conhece início e fim ou mesmo gramática de localização espacial. O que é interessante notar, assim, é que o sonho é impactado pela história, com suas contingências, rupturas e imprevisibilidade, mas também que a própria relação entre o sonhador e seu sonhar é histórica, transformando-se e ganhando ênfases muito distintas em diferentes sociedades e tempos (TVARDOVSKAS, 2019). Michel Foucault (2016), ao analisar as práticas do cuidado de si na cultura greco-romana, evidenciou que o exercício do sonho tinha, para os antigos, uma relevância muito grande, com a finalidade de constituição de uma estética da existência, ao lado de outras práticas como a dietética, a *aphrodisia*, a relação com os amigos e com um mestre, exercícios físicos e espirituais etc. Assim, as relações entre subjetividade e verdade, para Foucault, compunham um fio que atravessa toda a história do sonho.

Em nossa contemporaneidade, conforme diagnosticado pelo historiador Jonathan Crary (2014), o sonhar mingua e é constantemente atacado por uma forma de subjetivação neoliberal que exige uma vivência desperta e produtiva, 24/7, em que o sujeito não encontra mais o espaço para a deriva, ancorada na confiança de um mundo partilhado. Nesse sentido, psicanalistas como Tales Ab'Saber (2005) reconheceram que, nos consultórios, muitas vezes, tratava-se não mais de interpretar os sonhos dos pacientes, mas de compreender o porquê de eles se tornarem “maus sonhadores” (p. 19), já que as pessoas diziam sonhar cada vez menos. Perante tal diagnóstico, o projeto “Sonhos confinados” permitiu notarmos uma ruptura e um desvio de rota, posto que, em nosso momento histórico, houve uma restauração do interesse na temática onírica, na intensidade do sonhar e no próprio espaço do sonho como elemento central da relação entre a subjetividade e a verdade.

Se entendermos que toda concepção de história ou cultura está imbricada em certa experiência do tempo (AGAMBEN, 2005) e que o tempo é um singular coletivo que se torna historicizado a partir da narração – guardiã do tempo e da história (RICŒUR, 2010), observaremos

Ademais, segue-se o ritmo político das eleições com polarizações provocadas pelo próprio governo, desastres na gestão da saúde, do meio ambiente e da educação, para citarmos alguns. É nesse cenário multifacetado que os sonhos insurgem em uma tentativa de compreensão ou mínima elaboração do cenário externo. Considerando que os conflitos políticos e sociais, bem como as adversidades e os embaraços históricos, não se limitam à esfera pública, podemos verificar, também no Brasil, a sua infiltração nos sonhos mais íntimos de cada um.

Sonho, ficção e contingências históricas

Freud ([1900] 2019, p. 109), em referência à teoria de Robert Stevenson, afirma que os “sonhos são excreções de pensamentos sufocados em germe. [...] O sonho presta ao cérebro sobrecarregado os serviços de uma válvula de escape [...] Os impulsos do dia são elaborados”. Ele toma os sonhos como um elemento viabilizado pelo estado de sono e separa os pensamentos oníricos – um modo especial de pensamento não consciente em que a censura estaria subtraída – do conteúdo do sonho propriamente dito. O conteúdo do sonho difere qualitativamente do pensamento desperto e faz uso de deslocamentos e condensações que privilegiam “traços mnêmicos visuais e acústicos” (p. 557).

Desse modo, regido pela lei do significante, o sonho se apresenta como qualquer outra formação do inconsciente, como bem aponta Lacan ([1955-1956] 1988). A vertente da imagem tenta ser contornada a partir do relato. Os sonhos resultam de uma regressão, de uma passagem de excitações dos sistemas inconsciente e pré-consciente à percepção interna, na qual a representação retorna e se transforma em imagem, produzindo uma revivescência alucinatória das imagens perceptivas originais, constituindo-se como a matéria-prima do sonho (FREUD, [1900] 2019). O que isso quer dizer? Quer dizer que as impressões e experiências vividas, elaboradas ou não pelo sistema consciente, são distorcidas e transformadas em imagens nos sonhos. O sonho, apesar de fazer uso de imagens, não está desligado da cadeia significante, e é por

1933 e 1939, cerca de 300 sonhos, que mantinha escondidos e cifrados entre os livros de sua biblioteca. Como era uma jornalista judia, para se salvar, ela precisou fugir da Alemanha em 1939. Entre os relatos, encontramos sonhos de uma camada da população à qual ela tinha acesso: estratos burgueses ou pequeno-burgueses da Alemanha não aderidos ao partido nacional-socialista de Hitler (KOSELLECK, 2017). Os sonhos são retomados tempos depois – em 1943, em um artigo, e em 1966, em livro, e são relatados a partir do contexto histórico e político no qual estavam postos. Tais sonhos são lidos como expressão da violência sem precedentes que estava sendo instaurada. Eles capturavam elementos da realidade, com em uma colcha de retalhos, e conduziam os sonhadores para questões do “espaço público e por sua agitação carregada de meias verdades, suspeitas, fatos, boatos e suposições” (BERADT, 2017, p. 39). Um trabalho de assimilação da realidade a partir de seu núcleo Real, sem sentido. No comentário de Paul Tillich, filósofo e teólogo alemão crítico de Hitler, sobre seus sonhos, encontramos um relato que explicita o ponto que buscamos destacar: “acordei com a sensação de que toda a nossa existência estava sendo transformada. Durante a vigília, acreditava que poderíamos escapar do pior, mas meu subconsciente sabia bem mais” (TILlich *apud* DUNKER, 2017, p. 26). O comentário faz entender que Tillich reconhece em seus sonhos uma leitura mais acurada da realidade, mais até do que quando estava em estado de vigília.

Beradt (2017) observa que os sonhos mais elucidativos daquele período foram os sonhados nos primeiros anos, em que o regime nazista trabalhava de modo ainda mais dissimulado, indicando que, no sonhar, os sujeitos elaboravam dimensões do vivido ainda interditas no corpo social. De modo geral, os sonhos mostram uma tendência à “normalização”, à diminuição dessas características de vivacidade, realidade e intensidade no decorrer do tempo, como uma espécie de acomodação de precipitados. No caso brasileiro aqui analisado, Ravena, uma sonhadora de 50 anos, de São Paulo, relata que seus processos oníricos eram mais vívidos e intensos no início da pandemia e que, à medida que conseguiu organizar uma nova rotina, eles perderam a intensidade anterior. Samanta, 26 anos, de Minas Gerais, e Sílvia, 29

Modernidade, demonstram um “apego imaginário ao movimento uniforme” (Miller, 2000, p. 21), impondo dificuldades a partir do acréscimo de novos elementos, como a aceleração, por exemplo. Se pensarmos a partir da psicanálise, há na relação com a temporalidade uma função que pode ser representada através, por um lado, da dilatação e do adiamento, e, por outro, da pressa ou urgência, ou precipitação. Essa segunda forma de relação com a temporalidade ocorre no relato de Marcela, 25 anos, de Minas Gerais, que diz: “[no sonho] não tive tempo nem de calçar os sapatos! Tô sendo arrastada pelas notícias diárias e que não estou tendo tempo pra nada... Mobilizar com os coletivos, com as redes de solidariedade”. Fica expresso que a apreensão do tempo não se dá de modo uniforme e constante. Em síntese, se o tempo está diretamente associado ao movimento, a quantificadores matemáticos, que exclui de saída a relação com quaisquer elementos externos, com a descoberta do inconsciente por Freud, essa ideia sobre o tempo cronológico como absoluto perde seu valor, operando o que Miller (2000) chama de redução do tempo e sua consequente *forclusão*.

Em relação à temporalidade, para a psicanálise, existe uma concepção de central importância: o *nachträglich* de Freud ou *après-coup* em Lacan, que é traduzido como *só depois* ou *a posteriori*. É por meio do *a posteriori*, do tempo lógico que abordaremos adiante, que surgem significações acerca da experiência que podem facultar outros contornos ao próprio acontecimento. Ou seja, a historicização, no presente, sobre o passado pode restituir a história do sujeito na medida em que se procura recompô-lo – isso Lacan ([1953-1954] 1986) destaca como o ponto de mira visado pela técnica freudiana. É nesse sentido que a temporalidade envolve tanto a técnica quanto a ética da psicanálise. Portanto, ao psicanalista importa não deixar escapar o manejo do tempo e suas nuances, advertido de que nem tudo se dá e se elabora em um único registro de tempo. Há, ainda, outra proposição freudiana fundamental que desloca o sujeito da experiência do tempo, visto que “no inconsciente nada chega ao fim” (FREUD, [1900] 2019, p. 630) – ou seja, questões do passado podem ser vivenciadas de maneira particularmente presente, mostrando seu caráter mais real. Por essa razão, é preciso levar

tem como consequência um ruído na conciliação dos sujeitos em relação às suas gramáticas de sofrimento no que tange à compreensão e à elaboração da atualidade. Não à toa, tem-se apostado progressivamente em técnicas medicamentosas e intervenções de eficácia rápida com a finalidade de extirpar, calar e tamponar os sintomas. A pretensão curativa *rápida*, eis aqui uma incidência do tempo, passa pelas exigências de extirpação do sintoma atreladas às lógicas protocolares dos cuidados “baseados em evidência”. Se há cada vez menos tempo para escutar através do sofrimento e do sintoma e, com isso, possibilitar espaço para a criação e a invenção que vêm do que há de mais singular em cada um, o que se evidencia é numa crença na prescrição que vem do Outro. Ao esperar do Outro uma resposta para o seu sofrimento, o sujeito pode se desimplicar e parar de se perguntar por sua posição diante daquilo que o invade e o atravessa. Tal relação dos sujeitos com os seus sofrimentos está colocada antes da incidência da pandemia e segue produzindo efeitos durante a crise sanitária.

Os sonhos, ao serem tomados como um enigma endereçado aos sonhadores, podem colocar aquele que sonha a trabalho, numa tentativa de decifração que pode ser traduzida na pergunta: o que isso tem a ver comigo? Ao mesmo tempo que se mostram enigmáticos, os sonhos podem oferecer um contorno, uma elaboração mínima dos novos elementos que se apresentam no mundo externo de forma disruptiva. Na tentativa de tratar o real, as produções oníricas convocam o sujeito a responder, de uma forma ou de outra, à coexistência em um só tempo, de elementos históricos e subjetivos do passado e do futuro. Quando o sonho é relatado para outra pessoa, pode-se extrair como efeito a conformação de outro giro no texto, outra gramática. O relato de sonho e a posterior escuta de Rafael pareceu-nos ir ao encontro dessas elaborações no que tange ao modo como o sujeito se relaciona com o tempo presente frente às produções oníricas mais exacerbadas com o início da pandemia.

De um estado bastante afetado pela pandemia, Rafael chega até a pesquisa através das redes sociais e se endereça também para uma escuta analítica que se deu em seis encontros. Ele nos relata sonhos em que

muitos dos sonhadores que manifestam estar sonhando muito mais neste período pode nos indicar que a ruptura de uma temporalidade ou a instauração de uma incerteza coletiva coloca a trabalho os sonhos como formações que indicam ou apontam o furo no simbólico desta era.

Sobre o tempo, podemos dizer também, com Lacan, que o momento de concluir é sempre uma antecipação. Como certeza antecipada, o sujeito precisa fazer uma aposta ou correr o risco, com os elementos suficientes ou não que recebe do Outro. Então, mesmo passando pelo tempo para compreender, é preciso que o momento de concluir parta de uma antecipação de uma certeza em um momento no qual ainda não se tem alguma consistência. Tal como numa sessão de análise na qual o *instante de olhar*, como queixa ou questão por parte de paciente, coloca a trabalho o inconsciente, pensamos que os sonhos de pandemia também colocam os sujeitos a trabalho. Exemplo disso são os inúmeros relatos de sonhos em que os sonhadores procuraram ou deixam em aberto a possibilidade de uma escuta por parte dos pesquisadores.

Com uma fixação no momento de compreender está Josiane, de 21 anos, moradora do interior de Goiás, técnica na área de saúde que relata um sonho para a pesquisa. No sonho, ela está conduzindo uma bicicleta num morro de sua cidade voltando para casa do supermercado, uma bicicleta bem antiga, “do tempo dos avós”. Depois de terminar as compras, ao subir o morro, a bicicleta se movia de forma muito rápida, deixando-a assustada, pois não conseguia pará-la. Na subida percebe que não é ela que está agenciando a direção da bicicleta, como se a bicicleta andasse sozinha, mas com ela em cima e sem poder parar ou sair fora. Ao fim, chegando ao topo do morro, ela cai da bicicleta num areal. Uma mulher que ela conhece (na escuta ela não lembra mais quem era essa pessoa) lhe oferece auxílio e a leva para uma casa onde está acontecendo uma festa e há alguns pintinhos amarelos que aparecem no final do sonho.

Josiane, apesar de nunca ter feito análise, parece “suspeitar” do inconsciente, abrindo-se para a oferta de uma escuta psicanalítica sobre esse sonho. Ela relata que, entre as amigas, ela se destaca por ser a que mais sonha: as pessoas já têm uma fala pronta quando ela quer relatar os

momento atual, ao se apresentarem em vários sonhos, demonstram a sua importância no atual momento.

Ao considerarmos que o relato do sonho é uma interpretação que o inconsciente faz do real, entendemos que, através do conteúdo do sonho, uma fresta se abre para um tempo de concluir, já que não há uma sequência necessária entre os três tempos lógicos lacanianos. É nesse jogo de se lançar a dizer a cena onírica e suas admissíveis relações com a realidade que o sujeito pode se deparar com significantes, afetos e impressões que não pode mais evitar. Ou seja, o texto do sonho pode produzir um despertar, uma construção de saber sobre determinada experiência. Parece que é desse modo que o sonho pode se inscrever em tempos sombrios da humanidade.

Não desconsideramos que existem diversas camadas de elaboração onírica nos sonhos que são mais ou menos investidas psiquicamente, que sofrem maiores ou menores pressões do recalque e que estão associados a variável quota de afeto. Ao que parece, os conteúdos oníricos relacionados às questões diurnas, especialmente os partilhados culturalmente, são mais acessíveis às interpretações do que os conteúdos que se lançam à história singular de cada sonhador, ou seja, às experiências traumáticas de cada um. Talvez por sofrerem menor crítica e resistência psíquica, portanto, por terem o conteúdo manifesto do sonho mais aproximado do pensamento onírico latente, tantos sonhadores fizeram associações entre os seus sonhos e o contexto político-sanitário atual. Devemos salientar, também, com a leitura das lembranças da infância em Freud ([1917-1918] 1996), o caráter não linear e sim retroativo da temporalidade que aparece na clínica psicanalítica. Pois é só a partir de uma segunda experiência que as primeiras experiências, traumáticas, aparecem, como se já estivessem “lá” no passado, o que reitera o caráter ficcional dessa construção em análise (ARAÚJO, 2016). Numa análise se produzem narrativas tomadas como “tendo sido”, o que indica não o surgimento de lembranças *stricto sensu*, mas a forma como a ordenação simbólica cria o passado de forma retroativa (LACAN, [1955-1956] 1988; ARAÚJO, 2016).

Paulo, 1º set. 2020. Disponível em: <http://bbc.in/3repJoW>. Acesso em: 15 set. 2020.

MARCHE, S. It's in Dreams that Americans Are Making Sense of Trump. *The New Yorker*, New York, 19 Mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3f2wAiP>. Acesso em: 15 set. 2020.

MILLER, J. *A erótica do tempo*. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise, 2000.

NETO, F. Trump Isn't the Worst Pandemic President. *New York Times*, New York, 15 July 2020. Disponível em: <http://nyti.ms/39nvXNt>. Acesso em: 15 set. 2020.

PAPERNO, I. *Stories of the Soviet Experience: Memoirs, Diaries, Dreams*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2009.

PINHEIRO-MACHADO, R. Entrevista: “Bolsonaro é o populista que mais se aproximou do fascismo na história”, diz Federico Finchelstein. *The intercept Brasil*, São Paulo, 7 jul. 2020. Disponível em: <http://bit.ly/30SSAEM>. Acesso em 17 mar. 2021.

RANCIÈRE, J. *Os nomes da história*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

RICŒUR, P. *Tempo e narrativa: o tempo narrado*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SLIWINSKI, S. *Dreaming in Dark Times: Six Exercises in Political Thought*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.

TVARDOVSKAS, L. S. O exercício do sonho em Michel Foucault. In: BUTTURI JUNIOR, A.; CANDIOTTO, C.; SOUZA, P.; CAPONI, S. *Foucault e as práticas de liberdade II: topologias políticas e heterotopologias*. Campinas: Pontes, 2019. p. 245-261.

ŽIŽEK, S. A “volta ao normal” é a psicose suprema. *Outras Palavras*, São Paulo, 27 jul. 2020. Disponível em: <http://bit.ly/3tPufw3>. Acesso em: 15 set. 2020.

ZUKER, F.; ZEYTOUNLIAN, W. A incerteza política em 2018: uma coleção de sonhos e pesadelos. *Nexo Jornal*, São Paulo, 16 nov. 2018. Disponível em: <http://bit.ly/3cW1t5X>. Acesso em: 15 set. 2020.

construção clínica solitária para a psicanálise como uma ideologia modernista de transformação”.

Em nossos dias, a necessidade urgente de transformações sociais vem iluminando o trabalho de vários psicanalistas e pesquisadores das humanidades no Brasil; para esses estudiosos, as demandas urgentes de nosso tempo se apresentam, especialmente, através do desamparo e da dimensão sociopolítica do sofrimento psíquico dos grupos sociais historicamente injustiçados e marginalizados no Brasil (DEBIEUX, 2016).

Em nosso Laboratório de Pesquisa,¹⁵ na UFRGS, ao longo dos últimos anos, construímos investigações e intervenções com o objetivo de estabelecer pontes entre a escuta psicanalítica, a universidade e a cidade. Trabalhamos no sentido de operar uma releitura dos fundamentos psicanalíticos que possibilite validar a escuta e as pesquisas-intervenções que realizamos junto às instituições sociais, às políticas públicas e à cidade de forma geral. Assim, na esteira das investigações que já abordavam o tema da associação livre, da atenção flutuante, da interpretação, colocou-se, para nós, uma nova questão: a importância do trabalho com as narrativas dos sonhos.

Não por acaso, nessa constelação de questões, buscamos o diálogo com os escritos de Walter Benjamin, filósofo e crítico cultural alemão ligado à Escola de Frankfurt. Benjamin viveu e produziu em um tempo semelhante ao de Freud, a década de 1930; apesar de não ser psicanalista, tinha, nos sonhos, um importante tema de análise e de estudo. Para o filósofo (BENJAMIN, 2006), o sonho carrega em sua montagem a articulação entre o adormecer, o sonhar e o despertar. No livro das *Passagens* (BENJAMIN, 2006), encontramos a noção de que o sonho tem também uma dimensão de análise social a ser explorada, ou seja, os restos do dia, que aparecem no material onírico de cada um, estão ligados ao coletivo no qual o sonhador está inserido.

A articulação dos textos de Benjamin com a escuta psicanalítica, com a política e com os sonhos nos levou, em 2019, à construção da oniropolítica – uma estratégia de análise ético-política que busca resgatar a dimensão de complexidade e inovação do pensamento presente na narrativa onírica (DUNKER; GURSKI; PERRONE; DEBIEUX, 2019). Uma

Imersos em um cenário de polarização social crescente, fomentado por uma arquitetura de destruição que inclui a retórica do ódio, a necropolítica, a perseguição de minorias, a desvalorização do saber da ciência e o estabelecimento de políticas de morte, temos, do início da pandemia para cá, assistido à morte e à violência serem tratadas como uma estratégia, dando sequência à noção de que, no Brasil, a política instalada segue realmente a lógica da guerra civil.

Foi nesse contexto que passamos a buscar a construção de alguns caminhos alternativos a partir da articulação entre os sonhos, a psicanálise e a política. Há alguns anos, já vínhamos, nas pesquisas com adolescentes da Socioeducação,¹⁶ buscando estabelecer, através das Rodas de Sonhos,¹⁷ um ponto de resistência na relação com as trágicas narrativas de destino que costumam acompanhar os jovens brasileiros da periferia, especialmente os negros e pobres.

Foi assim que, em meio ao pesadelo da pandemia mundial de covid-19 no Brasil, decidimos coletar sonhos noturnos. Com o confinamento social, começamos a escutar as pessoas falando que estavam sonhando mais, que os sonhos estavam mais vívidos e que, ao acordar, lembravam-se mais das imagens oníricas.

A covid-19 produziu grandes mudanças no cotidiano das pessoas, com intensas perdas em diferentes âmbitos da vida. Uma sonhadora disse: “O mundo não é mais o mesmo, e embora nos sonhos eu busque por elementos que me remetam ao mundo antes da pandemia e ao estado de coisas inalteradas por ela (andar de ônibus, andar pelas ruas, frequentar lugares), sou puxada de volta à realidade” (L. P., 39 anos, Belém/PA, 5 de maio de 2020). Temos pensado que o adensamento dos sonhos aparece justamente pela necessidade psíquica de elaborar as perdas e tudo aquilo que o sujeito não consegue simbolizar e que, portanto, resta como incômodo ao psiquismo na forma de angústia, mal-estar e outros sintomas.

Frente a um cenário complexo, em que o vírus e a política se articulam, passamos a nos perguntar se acaso os sonhos poderiam funcionar como um elemento crítico com possibilidade de nos ajudar a despertar de um tempo de dor e adormecimento. Conforme Benjamin

Benjamin, assim como Freud e Lacan, sabia que era impossível alcançar a verdade e o Real do fenômeno, assim como também não seria possível reproduzir sua beleza na arquitetura conceitual. A verdade e o Real do objeto e do fenômeno não deveriam ser desnudados a ponto de encerrar seu mistério e segredo. Nesse sentido, o método benjaminiano se assemelha à estrutura do sonho, já que, em ambos, não se trata de resolver um problema, mas de, através da montagem, em sua própria forma, enunciar o que se problematiza.

Para o trabalho de articulação com a política, tomamos os sonhos como a manifestação da fulguração do sujeito, a singularidade criativa do sonhador lançada em zonas de apagamento como uma espécie de vaga-lume. Um modo de considerar a potência de resistência na luminosidade intermitente e *não-toda* da narrativa onírica que é composta por fragmentos, pedaços, brilhos passageiros com força para tocar o Real e, talvez, movimentá-lo.

Didi-Huberman (2011) evoca os *Escritos corsários*, de Pasolini ([1975] 2020), e a figuração dos vaga-lumes para problematizar o neofascismo crescente, “que hesita, cada vez menos, em reassumir todas as representações do fascismo histórico que o precedeu” (p. 39). Segundo Didi-Huberman (2011, p. 17-18), o cineasta italiano, ao escrever, em 1941, as famosas cartas ao seu amigo de adolescência Franco Farolfi, produziu noções importantes em defesa do bom debate de ideias, da sobrevivência da polêmica e da luta política. O interessante é que, nos escritos corsários, já próximo do tempo de sua morte, Pasolini sugere que, em seu país, os vaga-lumes estavam mortos, ou seja, ele já não conseguia ver a possibilidade de resistência às práticas totalitárias na Itália da época.

No livro *A sobrevivência dos vaga-lumes*, em que problematiza a suposta morte dos modos de resistência, o filósofo francês nos faz ver que quando enxergamos somente a noite escura de um lado e, do outro, a ofuscante luz dos refletores, tornamo-nos cegos para o improvável, para a abertura ao novo, para os lampejos e, especialmente, para tudo que, *apesar de você*, pode ser capaz de reconfigurar o tempo futuro (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 42).

comigo. Me acalmo um pouco (a cena é de uma carga de **MEDO** terrível, quase **SUFOCANTE**) e percebo a distância segura em que estamos (seriam os dois metros de afastamento, solicitados por medida de segurança em tempos de coronavírus?) e então uma segunda preocupação aparece: fui a primeira da casa a acordar, se alguém entrar na sala agora, será **ENVOLVIDO** pelo bote da **COBRA**, penso rápido em como agir para avisar meus pais e meu marido, que se encontram nos quartos, próximos à sala. Escuto passos de alguém que se aproxima. Quero gritar, mas não posso: isso assustaria ainda mais as pessoas ou o animal."

(S. F., 42 ANOS, LAJEADO/RS, 3 DE MAIO DE 2020)

transferência como um campo no qual se pode encenar e interagir com as produções do inconsciente que atravessam o aparelho psíquico.

A transferência funciona pela via da introdução de um terceiro que permite a construção de um endereço fictício para a narrativa do sonhado. Ao convidarmos as pessoas a narrarem seus sonhos nos tempos de pandemia, estávamos também operando no campo da transferência. Trabalhamos, nesta pesquisa, com a noção de que o suposto saber que a investigação em si lançou à comunidade sustentou o desejo dos sonhadores de contar seus sonhos.

A pesquisa inscreveu-se na sociedade em um momento inicial da pandemia, um momento de profundo sofrimento, com condições traumáticas pelo próprio confinamento social e pela alteração radical da rotina. Nesse tempo inicial, despertou nossa atenção o interesse das pessoas por sua vida onírica. O fato de os sonhadores retornarem para seguir escrevendo ou narrando seus sonhos nos fez pensar que estavam supondo um saber inédito na matéria onírica, prolongando, no tempo, os interrogantes que surgem nas inusitadas significações que as imagens e narrativas dos sonhos produzem:

- Acho que tem sido uma experiência muito enriquecedora porque eu passei a prestar mais atenção nos meus sonhos e observar o quanto estão relacionados ao meu cotidiano. Eu não havia feito essa relação antes e nem gastava muito tempo pensando neles. Porém, há noites em que sonho tanto que acabo acordando cansada e exausta de tudo que sonhei, principalmente quando são sonhos muito confusos e com muita coisa acontecendo (S. M., 25 anos, São Paulo/SP, 3 de agosto de 2020).

Observamos que os sonhadores, quando contavam seus sonhos, não pareciam ter noção do sofrimento que suas narrativas carregavam. A noção de que sofriam decantava em momento posterior, como efeito da fala. Na medida em que contavam seus sonhos para um outro, autorizavam-se a reconhecer que sofriam, como se fosse uma espécie de tempo preliminar à assunção da dor frente ao traumático desse momento social que requer um luto de caráter tanto individual como coletivo.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, H. *As origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo* [1949]. São. Paulo: Companhia de Bolso, 2012.
- ARENDDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- ARENDDT, H. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BARRENTO, J. *Limiares sobre Walter Benjamin*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito da história [1940]. *In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 222-232. (Obras Escolhidas, I).
- BENJAMIN, W. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- BERADT, C. *Sonhos no Terceiro Reich: com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler* [1966]. São Paulo: Três Estrelas, 2017.
- BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)*. Brasília: Senado Federal, 1990. Disponível em: <http://bit.ly/3tQQjGF>. Acesso em: 15 set. 2020.
- BRETAS, A. *A constelação do sonho em Walter Benjamin*. São Paulo: Humanitas, 2008.
- DANTO, E. *As clínicas públicas de Freud*. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- DEBEIUX, M. *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta; Fapesp, 2016.
- DIDI-HUBERMAN, G. *A sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- DUNKER, C. O sonho como ficção e o despertar do pesadelo. *In: BERADT, C. Sonhos no Terceiro Reich: com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler*. São Paulo: Três Estrelas, 2017. p. 9-26.
- DUNKER, C.; GURSKI, R.; PERRONE, C.; DEBIEUX, M. O sonho e o despertar em Freud e Benjamin: a oniropolítica em construção. *In: O SONHO*

E O DESPERTAR EM FREUD E BENJAMIN: A ONIROPOLÍTICA EM CONSTRUÇÃO [evento], São Paulo, IPUSP, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3vQG1rF>. Acesso em: 15 set. 2020.

FREUD, S. Construções em análise [1937]. In: *Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 290-304. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, XXIII).

FREUD, S. *Interpretação dos sonhos* [1900]. Porto Alegre: L&PM, 2012.

KEHL, M. R. Televisão e violência do imaginário. In: BUCCI, E.; KEHL, M. R. (Org.). *Videologias: ensaios sobre televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 43-62.

KRISTEVA, J. *O gênio feminino: a vida a loucura e as palavras. Tomo I: Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

LACAN, J. *O seminário, livro 2: O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* [1954-1955]. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, J. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1964]. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LIMA, R. E. A Arquitetura do texto benjaminiano. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v. 2, p. 111-122, 1994.

PASOLINI, P. *Escritos corsários* [1975]. São Paulo: Editora 34, 2020.

PEREC, G. *Tentativa de esgotamento de um local parisiense*. São Paulo: G. Gili, 2016.

PORGE, E. *Transmitir a clínica psicanalítica: Freud, Lacan, hoje*. São Paulo: Unicamp, 2009.

ROCHA, C. Bolsonaroismo é a mais perversa máquina de destruição de nossa história republicana. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 8 ago. 2020 Disponível em: <http://bit.ly/3tFmOXW>. Acesso em: 15 set. 2020.

ROUANET, S. P. *Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

ROUDINESCO, E. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SAFATLE, V. *Bem-vindo ao Estado suicidário*. São Paulo: n-1 edições, 2020.

aspecto sempre inédito, marca de um acontecimento inesperado. A covid-19, nesse sentido, pode ter atualizado a definição do filósofo Jacques Derrida para acontecimento, a partir de sua análise do 11 de Setembro: o caráter traumático do acontecimento não está no que já aconteceu, mas no futuro, no pavor do que ainda está porvir (DERRIDA, [2003] 2004). Diante de uma pandemia que desafiava o acúmulo de conhecimento científico e médico, a angústia do futuro se instalou e se espalhou em escala mundial.

A carência de recursos para lidar com o acontecimento da pandemia nos levou a tomar caminhos que se entrelaçam nesta escrita, perseguindo o objetivo de contar a leitores e leitoras aquilo que não saberíamos sem a escuta dos sonhos contados na pesquisa, cujo caráter de intervenção pública pretendeu dizer aos que nos procuraram que podiam contar conosco. Menos de um mês depois da exigência de isolamento social, pusemos-nos em trabalho para recolher e escutar os sonhos dos sujeitos traumatizados por meio de questionário on-line; em campo, contabilizamos que 80% dos sonhos eram contados por *sujeitas*;²² na escuta clínica e na análise de recorrência de significantes, a recorrência da palavra “mãe” nos contava algo da experiência de desamparo dessas mulheres que nos pusemos a escutar; e percebemos que, voltando nosso olhar para o passado, talvez pudéssemos encontrar elementos para contar como, antes de nós, outros grandes traumas coletivos foram vivenciados.

Quando, em 1936, Walter Benjamin publica “O narrador, considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, ensaio recentemente retraduzido como “O contador de histórias”,²³ diagnostica ali que a arte de contar histórias e compartilhar experiências está em decadência, localizada pelo filósofo no silêncio sintomático dos combatentes que haviam voltado da Primeira Guerra. Diante do trauma da guerra de trincheiras e do campo de batalha, os combatentes voltavam mudos, empobrecidos em experiência comunicável. “Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos se achava a céu aberto numa paisagem em que nada permanecera inalterado, a não ser as nuvens, e abaixo delas, num campo de forças cheias de tensões e explosões destrutivas, o minúsculo, frágil corpo humano”, escreve Benjamin